Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



LOUIS JOUVET e MADELEINE OZERAY, os dois grandes artistas de Cinema e de Teatro que passaram em Lisboa, a caminho da América do Sul

2.ª SÉRIE — N.º 31 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 9 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO: 1$50



LILIAN HARVEY esteve em Lisboa





Lilian Harvey, raínha da opereta cinematográfica e vedeta favorita do público de Lisboa, nos bons tempos do *Congresso que Dança*, e do *Caminho do Paraízo*, veio a Portugal tomar o «Clipper» que a conduziu à América. Ao contrário do que muitos possam supor, sobretudo ao evocar aqueles filmes que tiveram a sua voga há mais de dez anos — Lilian não é uma vedeta que envelheceu, nem tão pouco uma estrêla que se apagou, no horizonte cinematográfico mundial.

Antes da guerra, encabeçava ainda o elenco da Ufa, e tinha na Alemanha o mesmo público fiel e entusiasta dos primeiros tempos da sua carreira. Se bem que, de *Rosas Negras* para cá, haja estado quási sempre ausente das telas de Portugal — pela irregularidade da apresentação dos filmes alemães e pelo facto de Neubabelsberg se haver desinteressado das versões francesas — Lilian continuou a filmar e foi a principal intérprete de películas como *Capriccio*, *Fanny Elsller*, e muitas outras que nunca chegámos a ver, comédias musicais feitas ao jeito das que ela ilustrou, com tamanho brilho. Depois foi para França, onde interpretou *Serènade*, que vimos o ano transacto, e, *Miquette*, inédita, segundo cremos, nas telas mundiais, porque as filmagens terminaram já com os alemães às portas de Paris.

Lilian, repetimos, também não envelheu. Tem trinta e quatro anos, favorecidos pela sua figurinha delicada; pela graciosidade dos movimentos, segrêdo de tôdas as bailarinas; e por um lindo sorriso, que parece iluminar mais ainda o seu rosto, emoldurado por insubmissas madeixas incrivelmente loiras. A prejudicar a sua frescura, um excesso de «maquillage» que dá à sua face o «esmaltado» das cinqüentonas que não transigem com a idade... Mas o «senão», não destrui o efeito do conjunto. E Lilian Harvey, podemos dizê-lo, não desilude aqueles que a imaginaram tal como ela é, na tela: uma rapariga adorável, de insinuante simpatia, que nos embalou, durante anos, com os mais lindos «refrains» do cinema europeu — que Lisboa trauteou pensando nela: *Je t'aimerais toujours, toujours... Serait-ce un rêve, un joli rêve...*

(Continua na página Central)

2.ª série / N.º 31 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

9 de Junho de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A actividade cinematográfica nacional

Veremos êste ano, pelo menos, 4 filmes portugueses de acção

«LOBOS DA SERRA» «ALA, ARRIBA!» «O PAI TIRANO»

E UMA OUTRA PRODUÇÃO DE ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Quando, dois números atrás, publicámos a lista de todos os filmes portugueses em andamento gregos e troianos começaram por duvidar de que fôsse possível tanto trabalho dentro da nossa indústria cinematográfica. Feitas, depois, as contas e tiradas as provas os cépticos agarraram-se ainda a êste argumento: as doze fitas portuguesas em produção eram quási tôdas documentários.

A verdade, porém, é que até ao fim do ano que corre, isto é, em seis meses vão ser apresentados quatro filmes portugueses de acção, facto único no nosso Cinema que traduz bem só por si a fase excepcional em que se entrou e prova quanta razão assistia ao «Animatógrafo» na sua orientação pro-Cinema Português, quando quebrava lanças pela continüidade e anunciava o próximo levantamento da indústria.

«Lôbos da Serra» próximo do fim

A primeira das quatro fitas de fundo a apresentar deve ser a de Jorge Brum do Canto cujos trabalhos estão muito adiantados embora tenham sofrido bastante com os precalços provocados por esta Primavera desfeita em chuva que prendeu durante inúteis semanas a equipe de filmagens em Arcos-de-Valdevez. Aproveitadas as poucas visitas do sol à linda vila minhota (que, para o cúmulo do azar se encontrava no centro da depressão que provocava o mau tempo em Portugal) filmaram-se algumas cenas nos Arcos, nos arredores e na Serra da Peneda.

Alguns exteriores sonoros estão agora a filmar-se em Lisboa, procurando ganhar os dias perdidos com a imobilização forçada que a chuva provocou. Dado que a montagem, que é de Jorge Brum do Canto, se encontra bastante adiantada pois acompanhou de perto a marcha dos trabalhos de filmagens, é de prever que na última quinzena dêste mês se ultimem os trabalhos com gravações e sonorizações de tal modo que em Julho «Lôbos da Serra» possa aparecer nas telas portuguesas.

Na Tobis trabalha-se noite e dia nas filmagens de «Ala, Arriba!»

Entretanto «Ala, Arriba!» marcha em grande velocidade e para concluir todos os trabalhos de interiores e ter o estúdio livre, no dia 16 filma de dia e algumas horas de noite. Dentro do estúdio das Conchas levantou-se uma igreja onde decorrem algumas cenas capitais da acção. Aplicando bons princípios industriais utilizou-se para êste cenário material que já serviu noutras decorações e, entre êste, as colunas do «Pão Nosso». Há dias alguém preguntou a Leitão de Barros «se aquela igreja era a reconstituïção de alguma da Póvoa». Logo Leitão de Barros com a sua habitual graça e vivacidade respondeu:

— Não! Isto é a reconstituïção do Casino do «Pão Nosso»!

Na próxima semana serão filmadas as cenas em que se utilizará a transparência e depois «Ala, Arriba!» virá para os exteriores. Está já a construir-se, no mesmo local onde se ergueu a aldeia de «João Ratão» um cenário importantíssimo em que se reconstituem algumas ruas poveiras, onde vão actuar entre outros Domingos Gonçalves (que, na Tobis, continua a dormir dentro do seu barco, único lugar onde se sente bem) e Elsa Bela-Flor, a admirável e ousada Bela-Flor cheia da raça de muitos vencedores de mares que quando lhe preguntaram se não teria mêdo de enfrentar a câmara respondeu com a fé e a simplicidade que nós queríamos ver em tôdas as «cinéfilas»:

— Pedi a Deus!

E logo a seguir «o Pai Tirano»

Uma fita no forno, outra a amassar. «Ala, Arriba!» desembaraça-se ràpidamente do estúdio para dar lugar às construções da fita de António Lopes Ribeiro «O Pai Tirano» que por contrato com a Tobis Portuguesa devem começar na próxima segunda-feira dia 16 de Junho.

Já os cenários da autoria de Roberto de Araújo estão a ser executados por Francisco Duarte sob a direcção do seu autor. E, em casa do nosso director Vasco Santana e Ribeirinho já concluiram com êle os diálogos da fita.

Foi fechado também a semana passada o acôrdo com um grande estabelecimento de Lisboa em que decorre grande parte da acção e em que são «empregados» Vasco Santana e Ribeirinho. Outras cenas muito importantes vão passar-se num teatro de amadores que será construído dentro do estúdio da «Quinta das Conchas» e onde será «representada» por um grupo de «amadores» a peça que dá o título ao filme: «O Pai Tirano» ou «O Último dos Almeidas drama em dois actos».

Engano de contas? Não. Ha outra fita

O leitor céptico que ouviu falar em quatro filmes portugueses de acção deve nesta altura começar a duvidar das contas e a dizer, para si, um tanto vitorioso:

— Muito bem. Mas «Lôbos da Serra», «Ala, Arriba!» e «O Pai Tirano» somam só três fitas.

Já não queremos falar desta expressão «só três fitas» que sem mais nada demonstra bem como estamos à porta duma época nova. Não vale a pena porque há mais e melhor. Logo que acabem os trabalhos de «O Pai Tirano» novas construções se erguerão e sem interrupção logo que os cenários se levantem de novo os actores portugueses voltarão a representar para uma fita portuguesa. O argumento está escrito. Está apontada a distribuïção dos principais papéis e já estão sob contrato alguns actores dos mais importantes.

É cedo ainda para virem a lume mais pormenores. Mas o leitor pode ter a certeza de que o Cinema Português é, agora, uma deliciosa realidade.

A PÁGINA DOS NOVOS

«DANÇA, RAPARIGA, DANÇA»

Uma coisa me levou a ver êste filme com impaciência. O ser exibido aqui em Oeiras, antes de ser estreado nas telas brancas da Capital.

Desconheço por completo, o motivo que levou a R. K. O. a proceder assim e muito embora me regozije por me ter sido possível ver êste filme antes de ser estreado em Lisboa, reconheço com pesar o perigo que o ameaça, pois embora não seja uma super-produção, é um filme agradabilíssimo, bem feito, bem interpretado com muito interêsse, não fazendo má figura na tela de qualquer cinema de estreias da Capital, onde muitas vezes correm filmes de categoria muito inferior à dêste.

O argumento de Vicki Baum's que — diga-se em abono da verdade — tem muito interêsse embora aborde um tema já muito gasto, encontra-se valorizado pela realização modelar de Dorothy Arzner, que nos deu um trabalho limpo e asseado.

O enrêdo pródigo em situações cheias de interêsse até ao final imprevisto, conta-nos a vida de uma rapariga — Judy O'Brien — que vive para a dança e da dança vive.

Contá-lo é impossível dada a sua extensão. Além de que, tiraria o interêsse aos espectadores de àmanhã.

O elenco desta produção de Erich Pommer, — o homem que nos deu tão bons filmes nos tempos áureos da UFA é esplêndido tão homogénea é a sua interpretação.

Maureen O'Hara, a criadora da Esmeralda de «Nossa Senhora de Paris» na protagonista, ouve-se de forma brilhante, tendo até duas passagens dignas de notar. A cena em que se despede de Luis Hayward, quando regressa a casa, depois de uma noite de maravilhosa camaradagem e no teatro, quando numa atitude de desafio, lança no rosto daquele público que a pateia tôdas as noites, o seu desprêzo pela sua estúpida mentalidade.

A Dorothy Arzner, deve-se em parte o êxito destas cenas, principalmente da primeira pela simplicidade chocante que lhe soube imprimir.

Luis Hayward, bem. Não se pode exigir mais do seu trabalho.

Virginia Field na mulher dêste, sem nada digno de notar, a não ser a sua presença agradável.

Ralph Bellamy, num papel sem grande responsabilidade, correcto.

Katharine Alexander na secretaria de Ralph, sóbria.

Walter Abel no Juiz, Harold Huber num empresário, Edward Brophy e Mary Carlisle, correctos.

Maria Ouspenskaya, a veterana actriz Russa, que se encarregou de um papel insignificante, bem.

Propositadamente guardei para o fim, Lucille Ball, que figura à cabeça do elenco, logo a seguir a Maureen O'Hara e Luis Heyward. É bom o seu trabalho, quer cantando — com que expressão — quer dançando, quer representando. É ela a triunfadora dêste filme, embora encarne um papel antipático.

A sua personalidade aliada a um «oomph» inconfundível, é a causa desta vitória.

Sem me considerar vidente, julgo poder afirmar que nasceu uma nova estrêla. No entanto, aguardemos a produção de Harold Lloyd «A Girl, a Guy and a Gob», onde Lucille Ball interpreta a protagonista.

A música agradável é valorizada — conforme já disse — pela interpretação expressiva de Lucille.

A fotografia que nem sempre é muito boa, é prejudicada ainda pela péssima projecção do cinema que o exibiu, o que aliás não é de admirar num cinema duma vila, quando em Lisboa um dos principais cinemas de estreia, sofre da mesma doença.

Um pormenor curioso. Êste modesto cinema, exibiu o filme sem intervalo algum a prejudicar a sua unidade. Há já muito, que êste cinema abuliu o famigerado intervalo a meio dos filmes.

Parabens à emprêsa que soube compreender a campanha de *Animatógrafo.*

Quando é que em Lisboa sucederá o mesmo?

Para finalizar, recomendo sinceramente a todos os cinéfilos que me estão lendo, que não deixem de ver logo que se lhes proporcione ocasião para tal, esta linda comédia-dramática, gritando ao mesmo tempo que Luis Hayward... «Dança, Rapariga, Dança».

Conde de Monte Cristo

Pelo Cinema Nacional

Já várias vezes tenho assistido aos comentários formados à saída do cinema. E é para lamentar, mesmo o pior filme estrangeiro é cá recebido com agrado. Ao passo que todos os filmes portugueses são criticados e desclassificados. E porquê? Porque é Nacional. Lá diz o ditado «tudo o que é do vizinho é melhor». No entanto vemos tantas, tantas películas cem por cento inferiores ao «Trevo de 4 fôlhas» e «Fidalgos da Casa Mourisca».

Porque é êste desprêzo pela realização portuguesa? Será falta de ideias? Mas não, com certeza. Porque, quão maravilhoso seria filmar «A Cidade e as Serras». Que imagem e originalidade. E contudo lá vamos pela «Varanda dos Rouxinois», querendo produzir «género americano». Asneira. «Cada roca tem o seu fuso e cada casa seu uso».

Mesmo com as nossas paìsagens, costumes porque não se procura continuar?

Porque querem filmar novidades, quando Portugal está tão cheio delas?

Aqui deixo o meu protesto, e julgo não ser só, em pensar assim.

Portugal pode fazer grandes filmes, é só querer.

MISS SÉCULO XX

«As Mãos e a Morte»

É sabado, acabo de deixar a «encruzilhada do encontrão», o Rossio, sentindo ainda bem nítida aquela tensão nervosa aquele indefenível estado de alma que nos deixa um espectáculo de beleza e humanidade, como a obra-prima que me foi dado ver em despedida na matinée do Condes.

E vou pensando:

A «revistinha» insípida mantém-se indefinidamente nos cartazes enquanto a boa peça cai estrondosamente!

Os filmes género *Balalaika* mantêm-se meses e o filme «As mãos e a morte» cai no fim duma semana.

Na minha qualidade de ser pensante, apreciador da arte, no seu verdadeiro sentido; da humanidade em tudo o que revela de real e sensitivo; repugna-me assistir a tamanhas incompreensões.

Dirijo-me a Vós cinéfilos, a Vós todos que tendes cabeça para mais alguma coisa, que para sustentar airosamente êsses caracois e turbante «à Carmen», ou brilhantina e cabeleiras à «Tarzan», resumindo, àqueles que gostam de pensar e sentem.

Eu vi o filme com aquela atenção que requere a análise consciente de determinada obra.

Perpassou por meus olhos ávidos, tôda a gama de imagens capazes de emocionar o meu ser sensível.

Senti a dor, senti aquele tiro no pobre rafeiro do maltrapilho maneta, senti naqueles olhos a perda do seu único amor.

Percorrem por todo o filme os grandes problemas da humanidade; a ânsia do bocado da terra, a emancipação do jugo...

A tragédia do negro, sentindo a dor do anátema com que a natureza o dotou, a solidão, o prazer de fazer sofrer o mais fraco!

A tragédia da mulher que casa para se libertar e se vê amarrada ao déspota, sente repugnância do ambiente burguês que a rodeia, aquela refeição hedionda, e contudo não desfalece e vai sonhando sempre, êsse destino onde perpassa a vaidadezinha feminina e tão humana...

O marido, êsse ciumento doentio, cancro que rói e mal que necessário se torna extirpar.

Êsse louco, essa criança, perseguido pela doença que o levará à morte ou ao manicómio e o seu sonho, êsse sonho lindo de apertar e cuidar nas suas mãos ávidas de macieza, a pelagem dos seus coelhinhos a que o arco-íris, na sua imaginação de tarado emprestaria a beleza das suas côres.

Todos êsses personagens que se movem humanamente são reflexos da vida, encontramos em todos os seus modos de sentir e agir a imagem nítida dos seres que nos rodeiam, nos seus anseios, nos seus eternos sonhos!

A realização, a poesia dessas cenas campestres tão semelhantes ao nosso Alentejo, o acompanhamento musical, o magistral desempenho, tudo é bom, não há um deslise, um pormenor desnecessário.

Espectáculo grandioso, dêsses que se vêem e sentem vida fora, com um desfecho humano, mas bem longe de satisfazer essa pleiada de seres que infestam as salas, conversando, rindo despropositamente e abandonando a sala porque o filme não promete terminar com aquele beijo em «gros-plan» que enche de satisfação êsses senhores para quem a cabeça é simples adôrno.

Isto não passa de desabafo, pois crer que o nosso público soubesse distinguir e aplaudir a obra-prima e abandonasse a banalidade, era um sonho lindo e estaria em desacôrdo com o grande pensamento do filme: «O sonho lindo que a nossa imaginação idealizou jamais será realidade». — ZÉ LAGRIFFA

CORREIO DOS NOVOS

PATO DONALD JR. — Não desesperes e manda mais caricaturas. Das boas, claro está. As primeiras, esfumadas, lembro-me que chegaram cá, mas das outras não dei fé. E como eu sou, como dizes, a franquezinha em pessoa, aí tens a verdade. Ansioso por ilustrar esta página com bonecos vossos estou eu!

Obrigado pelas três cartas que mandaste num só sobrescrito. Lembro-te que me fazes determinados pedidos que só podem ter seguimento no «Correio de Bel Tenebroso».

HIPÓLITO DUARTE — Oh! senhores! pois tu ainda não sabes o que hás-de fazer para te corresponderes com leitores?

Dirige-te ao Bel-Tenebroso, por favor. Êsses assuntos já me não dizem respeito. Obrigado pelo artigo. É fraquinho. Mas não desanimes.

PANORÂMICA

Cineastas de torna-viagem

Aquilino Mendes já regressou, como noticiámos, do Brasil, onde esteve cêrca de ano e meio a trabalhar para o cinema brasileiro. Consta que Chianca de Garcia, que partiu alguns meses antes dele para o Rio, onde realizou dois filmes, também não tardará em regressar a Lisboa.

Embora respeitemos a aspiração legítima de ir procurar a um meio mais vasto e, conseqüentemente, de maiores possibilidades aparentes, a aplicação duma actividade que, no nosso país, se estiolava, não podemos deixar de dizer que é êste o momento de mobilizar tôdas as capacidades, tôdas as boas vontades, todos os esforços, para construção e defesa daquilo que mais imediatamente — e quási exclusivamente — deve interessar os trabalhadores portugueses de cinema: o Cinema Português.

A Espanha de Franco, por iniciativa de Garcia Viñolas, faz perder a nacionalidade espanhola a todos os cineastas espanhóis que vão servir *sob a bandeira* de um cinema estrangeiro...

Em Portugal, não seria talvez justo nem está no nosso feitio ir tão longe. Mas não há dúvida que, ao contrário dos que preferem *faire cavalier seul*, o Cinema Nacional necessita de estímulo, de concorrência, de despique profissional (dentro das normas desportivas do *fair play*) e que, portanto, quantos mais cineastas portugueses trabalharem em Portugal — melhor.

Graça Maria

Foi, dum modo geral, acolhida com entusiasmo pelos nossos leitores, a *arbitragem* do director de «Animatógrafo», distinguindo a Maria da Graça da Rádiofonia da Maria da Graça do cinema, pela adopção, por esta última, do nome artístico de Graça Maria.

E dizemos «dum modo geral» porque registamos um protesto: o do nosso amigo e camarada Antero Faro, que nos escreveu uma daquelas espirituosas cartas de que possui o segrêdo, e onde a sua esfusiante imaginação nos propõe nada menos de três ideias — tôdas elas óptimas, claro.

Mas o que nos propõe não merece, contudo o nosso acôrdo, pois se baseia na opinião de que é pouco eufónico e gracioso o nome de Graça Maria. Como não somos dessa opinião, nem tampouco a principal interessada, ficam por aproveitar, desta vez, as excelentes sugestões de Antero Faro.

Um requerimento

Animado pelo dr. Eduardo Rodrigues Pinto, administrador-delegado da Tobis Portuguesa, Eduardo Costa, gerente da Lisboa Filme e António Lopes Ribeiro, foi entregue a S. Ex.ª o Ministro das Finanças um requerimento para que os produtos de caracterização necessários à maquilhagem dos artistas cinematográficos não sejam abrangidos pela portaria n.º 9553 que proíbe a importação do estrangeiro, entre outros artigos, dos chamados «produtos de beleza». A verdade é que os produtos de caracterização não podem ser considerados como tal, embora as Alfândegas, até agora, assim os considerem, conforme dissemos no último número. Êsses produtos, que não têm qualquer produto nacional que os substitua, são *indispensáveis* ao Cinema Português, agora em pleno desenvolvimento. É pois de querer que o requerimento seja deferido, resolvendo-se um problema que, atendendo a que os fornecimentos que existiam se encontram completamente esgotados, assumia muito graves proporções.

Profissão de Fé

Chamámos um dia à profissão cinematográfica — profissão de fé...

Ensinaram-nos, em pequeno, que a fé remove montanhas...

Estamos em crer que sim.

Sempre tivemos fé nos destinos do Cinema Português; e sempre praticámos a nossa orgulhosa profissão de cinematografistas olhos postos na fé interior que nos acalentava, e que acalentava outros como nós, mais aptos que nós — mas talvez com um bocadinho menos de fé.

As montanhas que se erguiam diante de todos eram pesadas e ásperas: montanhas de pedra, montanhas de areia, montanhas de lixo...

E nós não tínhamos outra ferramenta para as remover além da nossa fé.

Mas a fé provou ser, conforme nos ensinaram em pequeno, óptima ferramenta.

E vamos ter Cinema Português.

E a nosso lado, e à nossa volta, e à nossa frente vão trabalhar profissionais, que já são profissionais de Cinema, mas que nós quiseramos que fôssem, antes de mais nada — profissionais de fé...

E se todos fôssem profissionais de boa fé também não se perderia nada com isso.

★

Pode parecer patusca e insípida esta nossa insistência em basear uma indústria concreta em alicerces abstractos — mas só àqueles que ao Cinema vieram, e no Cinema estão ainda, por motivos que nada têm que ver com os verdadeiros interêsses do Cinema. Mas nós escrevemos para os outros, para os que creram e quiseram, visto que crer e querer são as duas únicas acções dignas do homem.

Por isso procurámos criar, desde as primeiras linhas que àcêrca do Cinema escrevemos há mais de catorze anos, uma autêntica mística cinematográfica. E não tenham dúvida que foi, essa mística que fez o estúdio, que fez o laboratório, que fez os filmes que se têm feito e que está prestes a fazer, de vez, um Cinema Nosso.

Dirão os desatentos: não se compra fita com mística, não se pagam artistas com fé... Da mística e da fé mal colocadas provêm os mais tremendos fracassos e os maiores calotes do Cinema...

E nós responderemos: basta colocá-las bem. E o dinheiro (o tal dinheiro...) só vem ter com os que acreditam, mas acreditam a valer, sem se iludirem a si mesmos nem procurarem iludir ninguém. Se até, em linguagem comezinha, se diz que os bons comerciantes só fazem os negócios em que têm — fé...

★

É claro que a fé não basta.

É preciso um outro factor a que se chama...

— Sorte! — dirão os precipitados, e os ciumentos.

Pois seja a sorte.

Temos um respeito sagrado pela astrologia, e não seremos nós a desfazer na boa ou má Fortuna de cada um.

Que seja a sorte.

Mas a sorte pode merecer-se ou não. E só a merecem os que tiverem fé.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Francisco de Almeida Grandela

Um *lapsus calami* fez com que, no último artigo de fundo, chamássemos Eduardo ao grande industrial, comerciante e benemérito que foi Francisco de Almeida Grandela. Embora um lapso não necessite de outra explicação além duma honesta corrigenda, que aí fica, parece-nos curioso explicar êste: o autor do artigo foi condiscípulo em instrução Primária, do neto de Francisco Grandela, Eduardo Grandela. E ao evocar a figura do avô, foi o nome do neto que lhe correu da pena.

Os Marx e Charlot

Um telegrama da América do Norte confirma a notícia, já dada por nós, de que os Irmãos Marx vão abandonar definitivamente o cinema. Por outro lado o sr. Chaplin anuncia enfàticamente que vai matar Charlot...

É curioso notar a surpreendente evolução dos produtores americanos no sentido de abolirem cada vez mais os filmes cómicos. Ora nós consideramos os filmes cómicos como um dos domínios mais legítimos e benéficos do Cinema. Porque será que, em vez de reagir contra o pêso e negrume dos nossos feios tempos, com o auxílio dos grandes artistas cómicos, se teima em ensombrar as poucas horas de sonho e distracção que o público procura nos cinemas, com dramalhões que deixaram de ser de faca e alguidar para passarem a ser de bomba de avião e ruínas fumegantes?...

«O Cinema em Marcha»

Manuel de Azevedo acaba de publicar um ensaio intitulado «O Cinema em Marcha». Ao simples folhear pois ainda não tivemos tempo para o ler na íntegra — parece-nos que defende um ponto de vista perfeitamente digno, baseado em conhecimentos reais do assunto de que trata. Quando o lermos, ocupar-nos-emos dêle, como seguramente merece. Mas desde já saúdamos mais esta contribuição portuguesa à literatura de idéias que o Cinema tem originado em todos os países onde se escreve e se lê.

O Cinema ao serviço da História

UMA «TÔRRE DO TOMBO» com filmes de interêsse histórico

Chegam até nós algumas opiniões de leitores, de amigos de cinema, de entidades anónimas, particulares, felicitando-nos pela sugestão tornada pública no número de 5 de Maio, de «Animatógrafo», de se constituir, com a brevidade que o assunto exige, uma «Tôrre do Tombo» cinematográfica, para arquivo de filmes de interêsse público que andam por aí dispersos e sujeitos a perda, extravio ou inutilização.

Era de esperar que a ideia lançada por «Animatógrafo» — considerar a cinematografia uma nova ciência auxiliar da história — merecesse a atenção de quem conhece o real valor das imagens e encontrasse apenas compreensão e boa vontade.

Chegam até nós aplausos sinceros e eloqüentes à ideia apresentada pelo nosso jornal e que se resume na reünião de todos os filmes curtos — actualidades, modas, documentários, reportagens — susceptíveis de contribuir para o estudo duma época e de auxiliar o estudioso e o curioso.

★

Não só abundam êsses filmes junto de organismos estadoais como junto de muitas e variadas entidades particulares. Sabemos da existência de muitos e valiosos documentos que andam dispersos e abandonados, sem que mão amiga os reüna e defenda da acção ofensiva do Tempo.

Cada dia que passa mais urgente se torna a necessidade de coleccionar essas preciosas e venerandas relíquias.

Pois bem:

Dissemos que não abandonaríamos a nossa ideia e por isso voltamos hoje ao assunto, simplesmente para registar os incitamentos recebidos para que ela fortifique.

Num futuro próximo, «Animatógrafo» recolherá também as opiniões de entidades que estão ligadas à história e a assuntos históricos e que dirão, como principais interessados, as vantagens que lhes podem advir de tão útil iniciativa.

Duma coisa, porém, estamos certos: que a «Tôrre do Tombo» cinematográfica será um facto, e que, num futuro mais ou menos próximo, a história poderá ser escrita com maior soma e maior rigor de pormenores e as gerações vindoiras poderão ver desfilar ante seus olhos episódios célebres e documentos valiosos do passado.

Não empreste nem peça emprestado o «ANIMATÓGRAFO»

CINEMA PORTUGUÊS

A ARTE DE VER UM FILME (I

Qual a tua substância, de que és feito,
Que te seguem milhões de estranhas sombras?

Shakespeare — Soneto LIII

Tudo quanto se cria, tudo quando se lança à publicidade, tem uma intenção ou uma pretenção, ainda que seja só entreter, distrair. Êste ensaio, conquanto não se apresente com o aspecto de produto dogmático, intangível, definitivo (nada há definitivo na vida), tem uma intenção. Não a de afirmar que sabemos ver um filme com mais inteligência e argúcia que o leitor. Tampouco a de garantir que só nós possuímos o senso crítico apurado para analizar a obra projectada na tela. Êste ensaio justifica-se apenas pela conveniência de chamar a atenção do curioso e do estudioso, do espectador e até do candidato a crítico, para determinados pormenores essenciais e úteis e que permitirão tirar maior soma de proveito e interêsse da visão dum filme.

O cinema é uma arte espantosa, tanto mais espantosa quanto é certo arrastar consigo um cortejo imenso de admiradores que vêem nêle, consoante a sua cultura ou preferência, o sonho, o divertimento ou a enciclopédia. Por isso lhe aplicamos aqueles dois versos de Shakespeare que ousámos traduzir no início destas linhas:

What is your substance, whereof
[are you made,
That millions of strange shadows
[on you tend?

Ora, se se ministram indicações para quem deseja ler os clássicos; se se fornecem elementos para se poder distinguir as ordens arquitectónicas; se se apuram, com livrinhos e folhetos, as qualidades daquele que deseja saber ver a obra de arte e saber ouvir o que a música lhe comunica; se tudo se ensina e se tudo o que se ensina tem as suas estilísticas, porque motivo não reünir elementos dispersos no capítulo cinematográfico e chamar a atenção dos interessados para o muito que há nos filmes e, normalmente, não vêem porque não estão educados para ver?

O objectivo dêste ensaio — a sua intenção e pretenção — é, justamente, chamar as atenções para os múltiplos valores que um filme encerra e em que, decerto, os leitores nem sempre reparam, perdendo assim grande cópia de beleza e de arte.

Por conseguinte, não lhes pareça fantasia literária o ensaio que vai ler-se.

Diremos, porém, do limiar desta estilística (que, como tôdas as estilísticas, não traz novidades, antes coordena quanto anda disperso dentro de nós e à nossa volta na matéria versada): não vá depois de nos ler, o crítico ao cinema como espectador, nem o espectador como crítico, pois ambos atraiçoariam as suas funções e enganar-se-iam a si próprios. Para proveito de ambos, convém que um e outro não saiam donde estão, nem se confundam durante ou depois da projecção dum filme. A verdadeira disciplina impõe que ninguém saia das atribuïções que lhe competem.

Por outro lado, «A Arte de ver um filme» não prepara críticos de cinema.

I

Que é a arte?

Tolstoi fez a si próprio esta interrogação e gastou cêrca de quatrocentas páginas para tentar uma resposta. Mas a pregunta subsiste porque definir foi sempre grave e inglório problema.

Ora, nós insistimos na pregunta para saber se poderemos acaso dizer que visionar um filme constitui uma arte. Demais, lembramo-nos de que o prosador da «Guerra e a Paz» não compreendia, por exemplo, a existência da arte... culinária.

Que é a arte?

Ovídio escreveu uma «Arte de Amar»; a um velho fotógrafo «à la minute» ouvimos dizer com orgulho: «Tenho quarenta anos de arte!»; o actor considera-se artista, o tipógrafo trabalha em artes gráficas...

E no entanto — repare-se no contracenso: — ainda há bem pouco tempo, a fotografia não era considerada arte — e o Cinema também não.

Saber ver um filme poderá constituir uma arte? Pode. Pode porque o é. E bem difícil.

Temos notado que indivíduos de certa cultura ficam muitas vezes indiferentes perante filmes de inegável categoria. Alguns jornalistas — homens habituados, por condição, a ver e a abranger num relance de olhos um mundo de pormenores — não conseguem, conforme observámos também, — apreender num golpe de vista tudo o que se encontra em cada um dos trezentos ou quatrocentos planos que compõem um filme.

Porque se verifica êste caso extraordinário se o cinema é, justamente — e num sentido — óptima escola de jornalistas, pois ensina a ver depressa e a ver completamente? Porque para se apurar todo o valor dum filme, é preciso ter certa preparação. Qualquer leigo, diante da Pirâmide de Keops verá apenas a pirâmide figura geométrica, verá sòmente um amontoado de pedras escuras perdidas no areal. Mas qualquer estudioso, diante dêsse monumento de granito, recordará o Egito maravilhoso dos faraós, e verificará que aquelas pedras graníticas constituem um estranho tratado de matemática e de astronomia e têm ainda, segundo os entendidos, um significado profético que se estenderá até o ano 2.000.

(Continua no próximo número)

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Até agora, o cinema nacional por que todos nos batemos não está convenientemente protegido. Vencida a grande batalha para a conquista daquilo que era a mais viva ambição de todos nós — a edificação de um estúdio sonoro onde se pudessem produzir filmes portugueses — outros aspectos do problema surgiram e dêsses, como sua natural e lógica conseqüência, é o da protecção ao cinema nacional.

Não gastaremos, por inúteis, mais palavras para provar que ao falar-se de fitas portuguesas é falar-se de uma grande patriótica causa que está em jôgo e tanto pode influir na vida cultural e social da Nação. Tudo o que se faça para facilitar a sua missão, para fomentar o desenvolvimento do cinema no nosso País, é concorrer para uma tarefa que não pode deixar de merecer a franca e incondicional aprovação de todos. Tudo o que se faça irá reflectir-se, directa ou indirectamente, na necessidade de se criar um autêntico cinema português.

Todos nós sabemos que o corpo necessita de repouso para se refazer das energias gastas e preparar-se para novos cometimentos. Isso sucede sempre após os grandes lances — pessoais ou colectivos. Há quem depois de uma vitória se deite à sombra dos louros ardorosamente conquistados. É sabido que êsses são condenados ao fracasso, quási sempre irremediàvelmente perdidos.

Há, portanto, em tôdas as coisas de vulto e de importância que estabelecer certas tréguas, única maneira de consolidar um feito, seja êle heroico ou simplesmente de ordem moral.

Eis o que nos diz a experiência a qual ensina, ainda, que essas tréguas devem ser sempre propícias a uma acção construtiva e fecunda. A uma acção que continue «em tempos de paz» aquilo que na luta galvanizou os nervos e os espíritos.

Ora essas tréguas impõem-se agora. Em relação ao caso presente do cinema português, não podem ser outras do que a chamada protecção a uma iniciativa considerada de utilidade pública. É legítimo um gesto de defesa de uma indústria cujo fim principal é livrar o público de perniciosas influências estranhas, integrando-o dentro do seu verdadeiro espírito. É isto o que, de maneira clara e taxativa, deve estar expresso no futuro do nosso cinema: o público exige que lhe dêm um espectáculo que êle possa compreender e assimilar, uma vez que, erguido e apetrechado um estúdio, deixaram de subsistir as razões que impediam que se desse cinema português ao público de Portugal.

O estúdio existe. O material técnico é do melhor que se fabrica no estrangeiro. Tudo está a postos. Muitos filmes se anunciam agora. Mas é preciso que isto não seja uma revoada passageira, que a fábrica do Lumiar não volte amanhã a ficar paralizada. E, para êsse resultado, muito concorreria que se procurasse, agora, aquela protecção indispensável a uma causa nacional. Impõem-se certas medidas justas sôbre uma rêde de inúmeras ramificações no extremo de cada qual está o espectador anónimo e pagante, essa legião que abandona sistemàticamente o cinema, que fica indiferente ante verdadeiras maravilhas da arte cinematográfica estrangeira, pela simples razão de que as não compreende — e não as compreende porque não as sente por isso mesmo que são faladas em línguas que ela não entende.

Parece-nos que isto é de há muito, e de maneira eloqüentíssima, a indicação do caminho a seguir.

Pense-se a sério nas tais tréguas. E veremos que a engrenagem mecânica do estúdio muito lucrará com isso. Estamos ainda naquela altura em que mais vale prevenir do que remediar. Ainda se está a tempo de se dar uma orientação definitiva.

AUGUSTO FRAGA

À Margem das Fitas

por Raul Faria da Fonseca

O «São Luiz» quebrou o feitiço, exibindo «actualidades» sem o perigo de manifestações por parte do público. Já não se trata de felicitar a emprêsa daquela sala pela iniciativa, mas sim de elogiar o público por, finalmente, ter compreendido a razão pela qual lhe têm aconselhado calma e parcimónia. As manifestações de portugueses, contra ou a favor, seja de qual fôr, a potência estrangeira visada, são, para mais não dizermos, deselegantes para com aqueles a quem confiámos os destinos da Nação e portanto os nossos próprios destinos. Qualquer atitude que não seja a recomendada com tanta insistência, pode comprometer quem se responsabiliza por nós e, assim, pode comprometer a nós próprios. Se o nosso ponto de vista pessoal é susceptível de nos levar num assomo de sinceridade, a aplaudir ou a condenar o que vemos na tela, urge refrear os nossos entusiasmos porque, acima de tudo, estão os nossos interêsses. Não é demais recomendar que tenhamos sempre presentes estas palavras, que por si valem pela melhor pauta de conduta: «Tudo pela Nação — Nada contra a Nação».

Quem tiver (e todos devem ter) o bom senso de as recordar, sempre que tiver de tomar uma atitude, evitará, decerto, destempêros e dissabores escusados.

Além disso, no caso presente, outra razão justifica a atitude de reserva: o facto de qualquer manifestação conduzir à ausência de «actualidades» nas nossas telas. Enquanto o públco não tiver a educação suficiente para «ver» sem «mexer», ficará privado dêsse soberbo espectáculo que é o das «actualidades».

A iniciativa do «São Luiz» e a forma como a plateia se comportou vieram demonstrar que estamos já no bom caminho. Oxalá não sejamos surpreendidos por qualquer desilusão. Seria darmos muito má conta daquilo que nos ensinaram em pequeninos. E o pior é que não seria apenas cá dentro que se daria por isso. De fora também se vê. As cenas em família são sempre feias; mas, quando presenciadas pelos vizinhos, então são vergonhosas.

Lembrem-se de que já usamos calças compridas.



Eddie Cantor, segundo notícias de Hollywood, aprende agora português e espanhol, para falar... «em Cuba e na Argentina». Dando de barato o velho defeito dos americanos de igualarem os franceses em conhecimentos geográficos, fica ainda a nova de mais um artista dos estúdios da Cinelândia se ver forçado a aprender a nossa língua. Esperamos que Eddie Cantor, desta vez, seja mais feliz que os outros, pois já vai na oitava semana de aprendizagem.

PARA ALÉM DA TELA

por A. DE CARVALHO NUNES

Um filme é sempre mais que mero passatempo, mesmo quando não chega a ter categoria de obra de arte.

Chega êle alguma vez a ter essa categoria? Eis uma pergunta propícia a discussões académicas... Mas a sétima arte não precisa que a defendamos aqui, aliás com argumentos que singelamente iríamos buscar ao instinto, de preferência a obtê-los à custa de complicados torneios de espírito.

O certo é que, mercê dos muitos e variados factores que intervêm na factura dum filme, e das suas próprias condições de exploração, é mais fácil sair uma obra de arte das mãos duma rendilheira de Peniche do que dum estúdio de Hollywood.

Contentemo-nos em encontrar, melhor diríamos em surpreender momentos de arte, que valem por um espectáculo daqueles de programa duplo...

Mas a quem não se satisfaça com tão pouco (?), aconselhamos que nunca perca ocasião de admirar a terceira dimensão que o cinema, desde já, oferece. Em vez de esperar pelos resultados das experiências sôbre o relêvo é. ao contrário, para *além* da tela que o espectador tem de lançar as suas vistas.

E então poderá admirar um mundo de impressões novas, tão expressivo como aquele que se goza quando nos deixamos levar no tapete mágico dos documentários de viagens. E tão real como êste.

Se tivermos isto presente, havemos de concluir que o cinema mesmo no tempo do mudo nunca constituiu um espectáculo de feição internacional, isto é, susceptível de tocar a sensibilidade de cada um e de tôda a gente, a não ser quando conseguia alçapremar-se a um plano superior de humanidade.

Que importa que os personagens tivessem passado a falar a *sua* língua, se já antes êles pensavam à *sua* maneira?

Mas dêste exclusivismo nasceu o interêsse pelo que existia para além da tela: os costumes, a vida social, o carácter inteiro dum povo. Progresso, ou retrocesso, moral ou material, ali estava patente ao público.

*

Neste, como em quási todos os aspectos, o cinema americano, graças à sua posição proeminente, está indicado para ser oferecido como exemplo, embora as condições estabelecidas para a sua produção não permitam que se estabeleça uma regra geral.

Com efeito, o «singular paradoxo» do cinema americano não é fácil de se repetir.

Pois que havemos de chamar senão singular paradoxo, ao ver uma indústria cujo capital está, a bem dizer, exclusivamente nas mãos da alta finança judaica, produzir filmes que constituem, com freqüência e muitas vezes com intenção propositada, um tremendo libelo contra o regime social, e até político, assistido por êsse mesmo capital?!

Aqui se repete a história dos aristocratas franceses que admiravam Voltaire...

Veja-se o caso de Frank Capra, êsse latino que foi aproveitado para «raisonneur» da comédia americana, ou por outra, da comédia da vida americana. Não é engraçado que as pessoas que pagaram a Capra para fazer o «Não o levarás contigo» sejam precisamente as que parecem mais dispostas a «levá-lo consigo»?...

O «Peço a Palavra!» tem mais latitude e também mais audácia, pondo em foco o Senado mais os veneráveis senadores, cujos poderes igualam os do próprio Presidente.

Crítica saüdável? Sobretudo crítica demolidora, pois não foi com a ideia de se consertar o edifício que se mostrou estarem os alicerces pôdres.

Ficção, e nada mais? Nessa hipótese o Capra seria chamado à responsabilidade, que não colide com as liberdades usufruídas, já que desta feita pelo menos o local nada tem de fictício, como é costume dizer-se ao princípio dos filmes, pois que é a reprodução exacta da sala das sessões do Senado. Com ar de ficção, só vemos aquele homem ingénuo que veio à capital disposto a pôr as coisas no são...

Como se isto não fôsse pouco, o aludido realizador vai ainda mais longe no «Meet John Doe», o seu filme mais recente: depois de criticar a ambição do oiro e as instituïções políticas, põe em foco a constituïção da própria sociedade americana, «sob o manto diáfano da fantasia», e o idealista John Doe, cidadão dum país indeterminado mas de costela muito americana, acaba mal os seus dias.

*

Outro exemplo para ilustrar o «singular paradoxo» é-nos dado por Orson Welles, cujo retrato enche as revistas de cinema na América, já vamos ver porquê.

O regime americano é daqueles em que se conta, até certo ponto prática e sem limites teòricamente, com a chamada opinião pública.

Ora, por mais estranho que isto possa parecer... nem tôda a gente está habituada a ter uma opinião, mormente quando se trata de assuntos extremamente sérios e graves.

Não havendo tempo nem discernimento para ajuizar duma causa complexa e delicada, há o fácil recurso de, a trôco de dez cêntimos, encontrar-se num jornal uma opinião já feita, pronta a servir, e tanto mais à medida do leitor quanto êste estiver desprevenido.

Seria muito bonito e meritório que tal se fizesse desinteressadamente (não falando nos dez cêntimos) e com a melhor das intenções, mas infelizmente nem sempre assim sucede.

E Orson Welles, conhecedor dos meandros do jornalismo americano. lançou para a tela, no «Cidadão Kane», a figura imaginária dum magnate da imprensa que dirige um número avultadíssimo de jornais espalhados por tôda a América. E como a carapuça servia exactamente na cabeça duma figura muito conhecida, levantou-se o Carmo e a Trindade, e o leitor está a ver o que será o Carmo e a Trindade com arranha-céus, a levantar-se

Enquanto, por um lado, o Czar do jornalismo americano, não se supondo fotogénico, procura opôr todos os obstáculos à apresentação do filme, que ainda não se estreou mas, por inconfidências dos estúdios, se sabe já ser algo de extraordinário, o público, por outro lado, excitado pela espectativa criada à roda do filme, põe ante os olhos dos exibidores a aliciante perspectiva dum negócio excepcionalmente rendoso.

Na primeira oportunidade, daremos conta ao leitor do desenlace dêste sensacional duelo — a última palavra de Hollywood.

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

Alguns leitores pedem-nos a criação de jogos ou de divertimentos que lhes proporcione uns momentos de entretenimento. Uns falaram em palavras cruzadas, outros em charadas e outros em adivinhas baseadas nuns olhos cobertos de mascarilha ou numas pernas cortadas (não se arrepiem!) rente ao joelho.

«Animatógrafo» deseja contentar gregos e troianos, mas confessa a sua discordância àcêrca dos géneros sugeridos. Palavras cruzadas, charadas, fotografias incompletas — tudo isso é velho e sèdiço. Lembrou-se então de trazer até um pequeno jôgo americano que entretem e põe a funcionar a «massa cinzenta», tão necessária aos «detectives» das novelas policiais... e a tôda a gente que anda neste mundo a lutar pela vida.

Chamamos a êste jôgo «Preguntas de algibeira», de que publicamos, no final do número, as conclusões, já que os leitores de certo não teriam paciência para só conhecer os resultados na semana imediata.

«Animatógrafo» estabelece 25 pontos a cada resultado certo. A soma dos pontos obtidos representará o grau de categoria cinéfila do leitor.

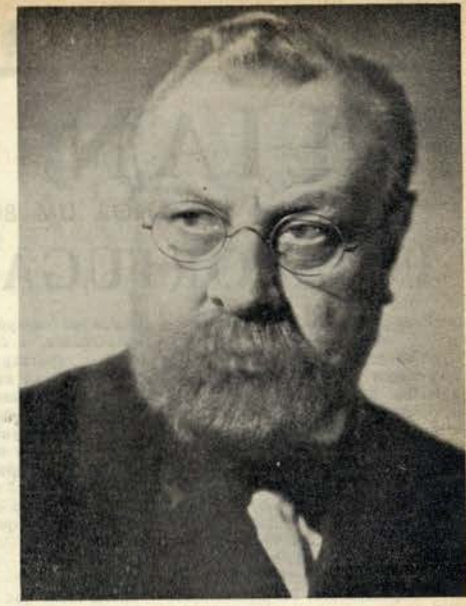
Como hão-de ver, trata-se dum jôgo facílimo, atraente, engraçado e que tem, principalmente, uma vantagem: desenvolver e apurar a memória.

Damos a seguir a tabela de

(Conclui na pág. 14)

ROBERT KOCH

o grande cientista e benfeitor da humanidade, evocado num filme excepcional onde revive a sua existência



Robert Koch, médico de renome universal personificado por Emil Jannings, um actor célebre, que os portugueses nunca esqueceram

A longa ausência feita às nossas telas pelos filmes alemães de há alguns anos para cá, tem dado azo a uma quási ignorância das suas figuras primordiais de parte das novas camadas de freqüentadores das nossas salas de projecção, ao mesmo tempo que tem contribuído fortemente para cobrir com o esquecimento muitos dos seus artistas que em determinado momento chegaram a ser dos nomes mais queridos duma esmagadora maioria de cinéfilos portugueses.

Que é feito de Lil Dagover, a actriz da eterna juventude ou de Gustav Froelich, aquele que Fritz Lang trouxe do anonimato para a primeira fila no seu grandioso «Metropolis»?

Onde estão Willy Fritsch, galã-tipo, simpático e bom rapaz, paixão séria de uma legião de cinéfilas, e a aliciante e loira Liane Haid?

Que fazem Werner Krauss e Camilla Horn, Gerda Maurus e Fritz Rasp, Paula Wessely e Heinz Rühmann, Olga Tschechova e Paul Hörbiger, Magda Schneider e Heinrich Georg?

Todos continuam trabalhando, vivendo incessantemente as existências, as aventuras, os episódios que a imaginação dos argumentistas pròdigamente arquitecta.

E Emil Jannings, o criador poderoso de «Variedades» e do «Último dos Homens», o actor extraordinário do «Patriota» e do «Fausto», de «De Quem é a Culpa» e de «Anjo Azul», o intérprete inesquecível de «Tortura da Carne» e do «Pecado dos Pais»?

Como os seus camaradas, Jannings não desertou; mantém-se firme no seu pôsto, escravo duma arte que não é exagêro dizer-se êle ajudou a impôr e a acreditar, e de que foi uma das suas mais altas e prestigiosas figuras. As câmaras continuam a fixar a sua máscara e os seus gestos, a registar no celuloide a vida das personagens que o seu talento, a sua inteligência e a sua sensibilidade fizeram erguer.

A galeria das suas interpretações, neste período de ausência dos nossos cinemas, é numerosa, e valiosa acima de tudo.

Dentre tôdas as suas criações, uma há que a ajuizar pelo cortejo de admirativas palavras ocm que tem sido acolhida, merece destaque muito especial. Referimo-nos à do Dr. Robert Koch, no filme que, com o mesmo título a Tobis de Berlim dedicou à memória duma das mais brilhantes figuras da ciência germânica.

Quer pela mestria pouco vulgar como o filme foi composto, já pela seriedade, a propriedade, a verdade como é tratada a biografia de Koch, colocam-no num nível verdadeiramente à-parte, como obra de excepção que na realidade é, e que lhe mereceu já, no último Bienal de Veneza, o galardão máximo com que são distinguidos os filmes que àquele areópago do cinema europeu costumam acorrer

A contribuïção valiosa que o cinema deu já para o conhecimento de alguns homens de ciência, altas figuras da humanidade, como Pausteur ou como Erlich, que Paul Muni e Edward G. Robinson interpretaram veio agora acrescer-se, de maneira brilhante, com o filme que constitui o assunto desta página de «Animatógrafo» — «Robert Koch».



Junto do seu microscópio, Robert Koch passou noites a estudar a origem dum dos maiores males que afligem a humanidade

Quem era Robert Koch

Médico notável, figura das mais prestigiosas do seu tempo vivendo entre 1843 e 1910, a notoriedade científica de Robert Koch deve-se sobretudo aos seus estudos profundos e exaustivos, de microbiologia, numa época em que o laboratório estava ainda bem longe de desempenhar o papel de tão grande preponderância e de tão decisiva importância dos nossos dias. Foi no decurso daqueles seus trabalhos que o mestre de Hanover descobriu e identificou o agente da tuberculose, que em homenagem àquele que pela primeira vez estudara passou a ser conhecido nos meios científicos de todo o mundo por bacilo de Koch.

É esta alta figura de cientista que êsse filme da Tobis evoca, em tôda a sua grandeza, pintando-nos ao mesmo tempo, com um relêvo e uma veracidade perfeitas, a época em que viveu, os contemporâneos com quem privou na arte, na política, na ciência, tendo desempenhado importante papel na sua carreira um outro homem de ciência *doublé* de político respeitado, o fisiologista e patologista Rudolph Virkow, médico como êle, homem de laboratório também.

Os intérpretes do filme

É esta figura enorme, cuja interpretação cinematográfica teria feito pensar duas vezes muitos actores consagrados, que Emli Jannings encarna com aquele sentido de humanidade, de pormenor, a noção de realismo a que os seus outros trabalhos nos habituaram de há muito a reconhecer e a admirar incondicionalmente. Trata-se, na opinião unânime de quem viu já o filme, de uma notável, de uma excepcional criação.

A par de Jannings e ao lado dêsse outro extraordinário actor que é Werner Krauss, o inesquecível intérprete de «Gabinete do Dr. Caligari», de «Tartufo», de «Looping the Loop», de «Ciume», um grupo numeroso de artistas, a maioria dos quais para nós de nomes ignorados e arrevesados, mas que lograram enquadrar dignamente a interpretação excepcional daqueles dois luminares do cinema alemão. São êles Hilde Körber, Viktoria von Ballasko, Raimundo Schelcher, Hildegard Grethe, Theodor Loos, desaparecido em trágicas circunstâncias, Josef Sicher, Elizabeth Flickenschildt, Bernbardt Minatti, Paul Dahlke e Josef Bildt.

M. R.



Emil Jannings tem em «Robert Koch» uma das suas mais extraordinárias criações

HÓSPEDES DE HONRA

LILIAN HARVEY

FEZ-NOS UM BRINDE SOBERBO:

"POR PORTUGAL!... PELA PAZ!..."

(Continuação da página 2)

A chegada de Lilian Harvey teve foros de acontecimento. As agências haviam informado que a vedeta sofrera um desastre — e que não podia andar. Quando os jornalistas chegaram ao aeródromo de Sintra, lá estava uma ambulância dos Voluntários, pronta à primeira voz, com instruções alarmantes: logo que o trimotor poisasse, deveria entrar no campo e encostar-se ao avião, para receber a artista. Afinal, Lilian prescindiu de semelhante «mise-en-scéne». Ajudada pelos outros passageiros faz a caminhada da aeronave, até à «gare», pelo seu pé, amparada em duas muletas, que manejava ainda com visível dificuldade. Tôda de branco, cabelo ao vento, acolheu os jornalistas com bonomia, representando, ao vivo, o papel que viveu em «Eu Sou Susana», o filme que interpretou em Hollywood, com as «marionettes» de Podrecca...

Foi um desastre estúpido que imobilizou o seu pé. Quando ensaiava uma dança, no quarto, caiu e fracturou o calcanhar. Uma dor aguda, logo em seguida. E quando a vedeta supunha que um pouco de «embrocation» seria o bastante para a eliminar — o médico diagnosticou o mal, envolveu o pé numa fôrma metálica e lavrou a sentença: 45 dias de inacção, em que ela apenas se poderia deslocar com o auxílio de muletas.

Lilian Harvey, dêste modo, chegou a Lisboa. De Genebra foi a Antibes — onde tem a sua casa. Demandou depois Barcelona, para tomar o avião, que a trouxe a Portugal.

Na delegação do S. P. N., no aeródromo da Granja do Marquês, rodeada pelos cravos que lhe deram em Espanha e tendo ao lado uma garrafa de «cognac», das caves célebres de Domecq, que ostentava no rótulo a indicação preciosa de «Carlos I» — «presente dos jornalistas espanhóis, para me darem coragem», explicou ela — Lilian bebeu um Pôrto que lhe ofereceram e ergueu o seu cálice, com estas simples palavras:

— Por Portugal! Pela Paz!

No dia seguinte, já refeita da viagem, na meia luz suave do salão do hotel — Lilian parecia outra. Tinhamos prometido procurá-la, fiéis à obra de misericórdia que nos manda visitar os enfermos e os encarcerados, dupla situação em que, pela fôrça das circunstâncias, ela se encontra.

A vedeta acolheu-nos com a sua proverbial alegria. Começou por fazer um elogio caloroso aos jornalistas portugueses:

— Não calcula o meu assombro, quando ao chegar a Lisboa, vinda do campo de aviação, me mostraram, o *Diário de Lisboa*, com a reportagem que me dizia respeito. Não supunha os jornalistas portugueses, capazes de semelhantes *récords* de que a América parecia guardar o segredo. E, hoje, ao ler os jornais da manhã, não pude deixar de me comover, com o carinho e a atenção de que fui objecto. Não calcula que bem que isto faz a uma actriz...

Lilian sorri.

— E, depois — sabe?! — houve outra coisa que me alegrou. Não me preguntaram «se estou apaixonada por alguém», «porque é que vim sòzinha» e «qual é o homem dos meus sonhos»... E digo-lhe que isto me alegrou, não porque me seja difícil «iludir» ou responder a certas preguntas... Mas porque para uma actriz é mais grato que os outros se interessem mais pela sua vida artística do que pela sua vida privada. Mal duma vedeta, quando a sua carreira profissional não se sobrepõe à crónica escandalosa ou não dos seus amores...

Lilian Harvey vai para a América. Três motivos a levam até lá: defender os seus interêsses, no caso do filme que está a ser indevidamente explorado por conta de outros; conversar com os produtores da Cinelândia, para optar por uma das três propostas que tem para trabalhar em Hollywood; repousar da guerra...

Lilian Harvey conta-nos os dias amargos que viveu, quando da invasão da França. Depois foi para a Suiça, uma ilha de paz, em plena zona de guerra. Está desgostosa com semelhante estado de coisas que lhe cortou a possibilidade de trabalhar na Europa. E quere recomeçar a sua vida profissional interrompida, após longas semanas de esperanças e desânimos. Só a América, no momento presente, lhe permite o regresso aos estúdios.

A conversa toma outro rumo. Vem à baila o nome de Garat, que foi seu parceiro *attitré*, nos versos franceses, e que anda lá pela América do Sul, onde Lilian também pensa ir. Fala-se de Willy Fritsch. Lilian Harvey conta-nos que ainda há pouco tempo lhe veio parar às mãos um jornal que aludia ao seu «romance» com o galã de quási todos os filmes que interpretou para a Ufa.

E a vedeta de *As Ordens de Vossa Alteza*, visivelmente divertida, põe as coisas no seu devido pé...

Como sabe, a publicidade cinematográfica, tem um truque infalível para chamar a atenção do público sôbre um par cinematográfico. Faz constar que, na vida real, êle e ela morrem de amores um pelo o outro. Há lá coisa mais *exciting* para o público do que poder pensar, quando os vê numa cena de amor: «esta, com certeza, foi vivida. Vê-se mesmo que estão pelo beicinho»... A experiência — deixe-me dizer-lhe — ensinou-me que quanto mais assídua é a presença dum par na tela, menos probabilidades têm as cenas de amor de passar, dos filmes, à vida privada... Mas, voltando ao meu caso, certo dia, a Ufa começou a fazer constar que eu e Willy — dois bons camaradas, e nada mais — estavamos noivos e que íamos casar. Nenhum de nós pensava em tal, nem sequer em relação a terceiras pessoas... Aconteceu, porém, que Willy Fritsch conheceu Dinah Grace, bailarina famosa. Vê-la e amá-la foi obra dum momento. E Willy resolveu-se a desposá-la. Quando se anunciou êsse casamento, foi como se estalasse uma bomba! Nos estúdios da Ufa, e em casa de Willy choveram cartas a censurá-lo, «por êle me abandonar», procedimento considerado inqualificável... A mãe do artista telefonou-me, certa manhã, alarmada, a expor o caso:

«— Lilian! O que vai ser de Willy? Êste casamento prejudica a carreira dêle...

«Naquele momento, confesso, senti-me impotente, para resolver o caso. Mas pensei melhor. E, no dia seguinte, tinha achado maneira de solucionar o caso de Willy e o meu, pois se a êle não lhe agradava o papel de «algoz», a minha vaidade de mulher não me deixava vestir com simpatia a pele de «vítima»!...

«E daí a duas semanas, Willy e Dinah subiam o altar e eu era madrinha de casamento do homem que a opinião pública até então censurava por me haver preterido... Willy está feliz, casado com Dinah — e têm um rapazinho que é um amor.

«Solteira, estou feliz, também, ao contrário do que supõem aqueles que ainda hoje falam num «romance», que nunca existiu...»

E, a despedirmo-nos, fizemos votos porque casada ou solteira, na Europa e na América, Lilian Harvey, na sua vida artística e sentimental, tenha sempre razões para proclamar a sua felicidade, com o entusiasmo e a sinceridade que as suas palavras não trairam.

FERNANDO FRAGOSO



O nosso redactor Fernando Fragoso foi das primeiras pessoas a falar com Lilian Harvey, logo que ela desembarcou do avião, no aerodromo de Sintra

LOUIS JOUVET E MADELEINE OZERAY

ESTIVERAM EM LISBOA E REPRESENTARAM NO TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Vem de longe, da primeira vez que o vi representar num palco de Paris, a minha enorme admiração por Louis Jouvet. A partir de então, segui apaixonadamente a sua carreira teatral, brilhantíssima; vi a grande maioria das suas criações no tablado; li atentamente o que dêle diziam os críticos; interessei-me por tudo o que lhe dizia respeito, como artista.

Porquê?

Pode, certamente, parecer estranho a muitos, êste meu interêsse por um artista de teatro, que no cinema só fez aparições irregulares, embora notáveis. Êsses muitos são os que desconhecem que o amor pelo teatro vive em mim paredes meias com o meu amor pelo cinema. Pois, se os distingo e procuro sempre fazê-los distinguir pelos outros, o melhor que posso e sei, nunca esqueço que, sendo ambos *formas de representar*, são próximos parentes; tão próximos que é ao teatro que o cinema foi buscar, indiscutìvelmente, as suas regras de construção dramática. Apenas — e é muitíssimo — varia a maneira de as utilizar e exprimir. Mas, se as *escolas* são diversas, e por vezes adversas, não deixam por isso de ter a mesma divina origem: aquilo a que Pedro de Moura e Sá chama o «imperativo teatral», e que é uma das características fundamentais do homem, e até dos animais, logo — uma das leis da natureza.

O «Homo Dramaticus»

Os zoólogos designaram o *homo sapiens*, os economistas inventaram o *homo economicus*; existe, sem dúvida, o *homo dramaticus*. E dessa sub-espécie, Louis Jouvet é, indubitàvelmente, o mais perfeito exemplar.

É possível que haja (puro eufemismo, pois sabemos que há mesmo...) quem ache que Jouvet é «pouco natural» quando representa; que procura os seus efeitos num diapasão especialíssimo, nem sempre do agrado dos que julgam que o teatro (ou o cinema) se criou para repetir chatamente a estopada da vida. Não vêem êsses pobres pobrezinhos que todo o espectáculo é «convenção» e que a maneira mais nobre e leal de servir qualquer espectáculo é ter a consciência constante das suas convenções; e que, portanto, os melhores de todos, são os que menos ocultam essas convenções, tornando-as sòmente verosímeis para a única faculdade que se exige a autor, actor e espectador: a imaginação.

Jouvet entre nós

Louis Jouvet, com a sua companhia, passou agora por Lisboa, a caminho da América do Sul. Vai levar ao Brasil e à Argentina os prodígios da sua arte. Circunstâncias puramente incidentais impediram-no de dar a Lisboa, como Lisboa ansiava e êle próprio desejaria, o maravilhoso espectáculo do seu repertório de *tournée*, onde se incluem os seus maiores triunfos: *L'École des Femmes*, de Molière, *Knock*, de Jules Romains o melhor de Girandoux: *La Guerre de Troie n'aura pas lieu*, *Electre*, *Ondine*... Mas teve o tempo bastante para dar ao público lisboeta, que esgotou com dois dias de antecedência a lotação completa do Teatro Nacional — excelente sintoma! — algumas pequenas amostras da sua arte de comediante e uma exposição claríssima e completa das suas reflexões sôbre o teatro.

Actor e comediante

Escrevemos «comediante» muito de propósito. Porque Jouvet tem o cuidado de distinguir o «comediante» do «actor». Eis o que a tal respeito êle nos diz:

«É preciso, desde logo, estabelecer uma distinção profissional entre actor e comediante, termos que se empregam indiferentemente na linguagem vulgar. O actor não pode representar senão certos papéis; deforma-os consoante a sua personalidade. O comediante, êsse, pode representar todos os papéis. O actor habita uma personagem, o comediante é habitado por ela. Garrick foi um comediante: podia interpretar com o mesmo poder os papéis trágicos e os papéis cómicos. A confusão da linguagem quotidiana pode explicar-se pelo facto que a oposição entre o comediante e o actor nunca é rigorosa. Marcamos desde logo a diferença para poder explicar o mecanismo do ofício, mas há actores que são comediantes e comediantes que são actores».

A convenção teatral

Colhemos êste trecho no livro de Jouvet, «Refléxions du Comédien», que recomendamos a quem queira habilitar-se a perceber alguma coisa do teatro e da sua essência. Os que ouviram a sua tão notável conferência do D. Maria, também têm a obrigação de ter ficado com os olhos um pouco mais abertos, mais aptos a prescrutar o horizonte interminável do teatro. E como Jouvet, contracenando com Madeleine Ozeray — actriz que êle criou como Pigmaleão criou a Galateia — nos deu três ilustrações soberbas da sua arte (duas cenas da *École des Femmes* e a cena final de *Ondine)*, que serviram para exemplificar os três elementos em que dividiu a convenção teatral: a ilusão do espectador, a acção do actor, a eloqüência do poeta. Da ilusão do espectador, da sua boa vontade (Jouvet chegou a dizer: do seu *talento!)* depende a aceitação tácita da convenção teatral; da acção do actor depende a *quantidade* dessa ilusão, isto é: ser maior ou menor; da eloqüência do poeta, do autor, depende a *qualidade* dessa ilusão, isto é: ser melhor ou pior, mais elevada ou mais baixa.

A convenção cinematográfica

Ora a verdade é que, salvas as devidas proporções, a ilusão cinematográfica se estabelece de modo semelhante, entrando em jôgo os mesmíssimos três elementos. Apenas a convenção cinematográfica, em desfavor dos cinematografistas, é muito mais rigorosa e inflexível que a convenção teatral. Quando compra o seu bilhete, o espectador de teatro estabelece com os espectaculantes, autor, encenador e actores, um contrato em que se obriga a aceitar um certo número de convenções que facilitam a ilusão: não protesta quando vir no palco papel pintado representando casas, e árvores, e montanhas. Quando vende o seu bilhete, o empresário de cinema, e atrás dele o realizador e os intérpretes, obriga-se, pelo contrário, a não dar a perceber ao espectador nenhum dos seus artifícios ópticos: o espectador exige-lhe que as casas sejam casas, as árvores, árvores, e as montanhas montanhas! E aí do filme que não respeite êsse contrato! Se o combóio que se despenha no abismo der a perceber que não passa dum brinquedo, o realizador e o empresário estão bem servidos; ao passo que, no teatro, o espectador nem sequer acharia «piada nenhuma» (como êle diz) se lhe pusessem no palco uma locomotiva a valer, preferindo-a de lona com ripinhas de pau a segurá-la...

Assim, o mais humilde realizador assume perante o público um compromisso idêntico ao do mais afamado ilusionista. Se qualquer dos seus «truques» se revela à sagacidade hiper-prescrutadora dos sentidos do espectador, êste sente-se ludibriado (como se não estivesse ali exactamente para o ser!...) e vota o realizador-prestidigitador a todos os fogos do inferno.

Jouvet e o Cinema

Louis Jouvet tem aparecido no cinema em papéis que dão bem a medida da sua estupenda capacidade de comediante.

Quem se não lembra do frade da «Quermesse Heroica», do *gangster* do «Carnet de Bal», do cabotino do «Fim do Dia», do *maquereau* de «Hotel do Norte»?...

Por nossa parte, preferimos vê-lo no palco, a vê-lo no «écran». Mas as suas criações cinematográficas nunca são nem podem ser insignificantes.

Preguntámos a Jouvet o que pensava da interpretação cinematográfica:

— *Ce n'est pas un métier* — não é um ofício, disse-nos. Refiro-me ao actor de cinema, entenda-se. O único ofício que tem real e grande interêsse no cinema é o de realizador.

Protestámos. Refutámos, como é convicção nossa, a teoria do actor — matéria-plástica. Porque pensamos ser o actor, feitas bem as contas, matéria de muito discutível plasticidade. Temo-lo por colaborador directo do realizador, como seu emissário junto do público, como o instrumento de que se serve para transmitir a beleza e emoção que pensou. E, como todos os instrumentos, tem qualidade própria, mérito próprio, afinação própria. E o melhor pianista não consegue arrancar dum mau piano desafinado nada que se pareça com sombra de música.

Preguntámos depois ao criador de *Knock* e de *Pétrus* porque nunca se tinha interessado pela encenação cinematográfica, êle que tanto se interessava pela encenação teatral.

— Porque não percebo nada disso. É uma arte apaixonante, mas dificílima. E o teatro já chega bem para me ralar. No cinema, quando represento, procuro apenas descansar das fadigas do teatro. O prazer de trabalhar, durante um dia inteiro, meia hora por junto, é uma coisa que só o magnânimo cinema pode oferecer a um pobre artista de teatro...

Lembrámo-nos dos actores que consideram o cinema uma «estafadeira» — e concordámos com Louis Jouvet.

A. L. R.

NO PROXIMO NUMERO:

AQUILINO MENDES

fala-nos do Cinema brasileiro e da situação dos filmes portugueses no Brasil

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

«THE LITTLE FOXES», interpretado por BETTE DAVIS e dirigido por William Wyler é o primeiro filme de Samuel Goldwyn para a R K O-RADIO

Samuel Goldwyn é um nome que, em situações do mais excepcional relêvo tem acompanhado e participado, como figura destacante, no desenvolvimento prodigioso do cinema americano como indústria e como arte. Deixando atrevidamente o negócio de luvaria em que a sua actividade se exercera até então, associa-se a Jesse L. Lasky, a Cecil B. De Mille e a Adolph Zuckor para fundar a Paramount. É êle que, poucos anos mais tarde, de sociedade com Harry Goodwyn (é da associação do seu apelido verdadeiro «Goldfish» com o de «Goodwyn» que nasce o nome de Goldwyn) funda uma das mais importantes emprêsas produtoras: a Goldwyn Pictures, de famosa memória, a qual em 1923 trespassa a Marcus Loew e a Louis B. Mayer dando origem à Metro Goldwyn Mayer de hoje. É a si que se deve também uma parte da notável preponderância e da importância da United Artists, quando nela ingressa, quatro anos depois dos «Big Four» a terem fundado. E a êle lhe fica devendo aquela emprêsa, e com ela o cinema dos Estados Unidos, algumas das mais notáveis e ousadas obras.

Como os nossos leitores decerto não ignoram, porque «Animatógrafo» disso se fez já eco, Samuel Goldwyn que é uma das mais pitorescas e truculentas figuras de Hollywood, deixou a United Artists por discordância de orientação, embora continue sendo possuidor do mais importante lote de acções daquela sociedade, logo depois de Mary Pickford, passando a produzir os seus filmes de maneira independente tendo já organizado completamente a sua emprêsa de que fazem parte a maioria dos seus antigos colaboradores da U. A.

A distribuïção dos seus filmes, que deu aso a uma autêntica luta de influências em que tomaram parte algumas das mais importantes companhias que pretendiam assegurá-la, será feita pela RKO-Radio, segundo o acôrdo há pouco assinado com George Shaeffer, seu presidente, estando assentes já as duas primeiras produções dêsse novo pacto: um filme com Gary Cooper, de cujo contrato Samuel Goldwyn é há muito detendor é «The Little Foxes» já neste momento em produção. Este filme extraído duma peça de teatro que alcançou, só em Broadway 763 representações consecutivas. Dirige-o Wyler, que acaba de assinar com Goldwyn um contrato exclusivo por dois anos, e tem por primeira figura Bette Davis, realizador e actriz cujos trabalhos se podem admirar neste momento no filme notabilíssimo que é «Jezebel» que o Eden exibe.

Naquele filme cuja fotografia o consagrado operador Greg Toland assina, aparecem também Herbert Marshall e cinco dos seus intérpretes teatrais: Patricia Collinge, Charles Dingle, Carl Benton Reid, Dan Duryea e John Marrott, e dois estreantes também — Teresa Wright e Jessie Grayson.

William Wyler pertenceu já à organização de Samuel Goldwyn durante cerca de seis anos, tendo nesse espaço de tempo dirigido entre outros «Veneno Europeu» (Dodsworth), «Ruas de Nova York (Dead End) e «O Monte dos Vendavais».

Muito há pois a esperar da nova e importante associação Goldwyn-Wyler.

Dennis Morgan, Ann Sheridan e Priscilla Lane são os intérpretes do filme em technicolor «CARNIVAL IN RIO», da WARNER BROS

À lista, que no número passado publicámos, dos filmes cuja acção se situava nos países da América Latina, há hoje a juntar mais um, a cuja produção a Warner Bros vai dedicar o maior cuidado, pondo em acção as suas possibilidades de grande emprêsa produtora. Desta vez é o Brasil que está na berlinda. De facto, depois de «Aquela noite no Rio», de «A Caminho do Rio», do «Homem do Brasil», de «Charlie Chan no Rio», a Warner por sua vez vai fazer «Carnival in Rio», em que como o título deixa claramente adivinhar, o famoso Carnaval carioca terá um papel de enorme preponderância, e com tanto maior relêvo porquanto se trata dum filme em Technicolor.

Duas das mais belas actrizes dos estúdios dos irmãos Warner serão as primeiras figuras femininas do filme que o realizador William Keighley dirigirá — Priscilla Lane e Ann Sheridan, a celebrada «oomph-girl». O galã de «Kitty Foyle», Dennis Morgan, que está fazendo grande sensação e está sendo utilizado com invulgar freqüência, foi cedido pela RKO à Warner para desempenhar o primeiro papel masculino do filme.

«Affectionately Yours», com Merle Oberon, «Bad Men of Missouri» e «Kisses for Breakfast», são os três últimos filmes de Dennis Morgan, todos ainda por estrear na América. Por aqui se vê a «procura» que o apaixonado de Rapariga da Gola Branca está tendo...

PENNY SINGLETON, logo que termine «Blondie in Society», da COLUMBIA, deixa a FAMÍLIA BLONDIE e vai para o Oeste

Penny Singleton, que a Columbia, há alguns anos trouxe da Broadway, onde era figura destacante, até mesmo uma das mais populares vedetas do teatro ligeiro, para tomar posse da figura de Mrs. Blondie na hoje popularíssima família cinematográfica, está interpretando com Arthur Lake e o pequeno Larry Simms — ou sejam o esposo e o respectivo rebento — o filme «Blondie in Society» que Frank R. Strayer dirige e de que Henry Freulich é o fotógrafo.

No entanto, depois de concluída «A Família Blondie na Sociedade», que é o nono da série, vai haver uma pequena pausa nas picarescas e estravagantes aventuras dos Blondie, pois Penny Singleton será a vedeta dum grande filme musical cuja acção se passa no Oeste, entre «cowboys» e «sheriffes», nas pradarias sem fim onde cavalgam ginetes e pululam bandoleiros que assaltam diligências e roubam manadas de gado. Terá por título «Cowboy Joe».

O produtor Robert Spaak, tem intenção de fazer aparecer nesse filme a fina flor dos «cowboys» que a Columbia tem sob contrato, entre os quais estão os nomes de Buck Jones, Tex Ritter, Bill Elliot, Charles Starrett e Russell Hayden.

Gene Tierney contracena com Henry Fonda em «BELLE STARR» filme technicolor da FOX

A Gene Tierney, a jovem e encantadora actriz que Darryl Zanuck descobriu num teatro da vanguarda de Nova York e se apressou a levar para a companhia que dirige na Califórnia — a 20th Century-Fox — deve estar reservada uma notável carreira cinematográfica. Aparecendo pela primeira vez no filme «A Vingança de Frank James», onde a sua presença esteve longe de passar despercebida, e depois na «Baia do Hudson» ao lado de Paul Muni, onde pouco tinha que fazer, logo os dirigentes da Fox a presentearam com um papel de primeiro plano no filme «Tobacco Road» extraído duma peça de êxito excepcional. A correcção da sua interpretação, o talento nela demonstrado, valeu-lhe ser a escolhida para primeira figura duma das mais importantes produções dêste ano da Fox — o filme «Belle Starr», em Technicolor que Irving Cummings, dirige. A seu lado aparecem também Henry Fonda, que há pouco vimos ao lado de Alice Faye em «A Rainha da Canção» e agora podemos admirar contracenando com Bette Davis em «Jezebel», Randolph Scott, Elizabeth Patterson, Dana Andrews, a negra Louise Beavers, e Chill Wills. Ernest Palmer e Ray Rennahan, são os responsáveis pela fotografia.

Hedy Lamarr divorcia-se

Lembram-se certamente — falámos disso num dos nossos primeiros números — de dizermos que Gene Markey, considerado produtor de Hollywood, se divorciara da formosa Joan Bennett para se casar com Heddy Lamarr.

Pois bem. Alguns meses decorridos sôbre êsse casamento, que tôda a gente afirmava dar um sério caso de amor, apareceu nos tribunais de Los Angeles, o pedido de divórcio, apresentado por Heddy e acusando Gene Markey simplesmente de «crueldade e desumanidade»...

Entretanto, enquanto o divórcio não é pronunciado, Heddy Lamarr aparece constantemente com John Foster, «attaché», ao consulado inglês de Los Angeles.

«FLASHES»

● *GABRIEL Pascal fez a apresentação mundial do seu filme, extraído de G. B. Shaw, «Major Barbara», em Nassau, a capital das Bahamas. A razão é simples: é lá que vivem o duque e a duqueza de Windsor.*

● *MICHAEL Curtis, um dos realizadores europeus trabalhando há mais tempo nos estúdios americanos, renovou agora o seu contrato com a Warner Bros, emprêsa a que tem sempre pertencido. É o amigo mais íntimo de Hal Wallis, o chefe geral de produção dos irmãos Warner.*

● *DEPOIS de um ano consecutivo no cartaz dum grande cinema de Nova York, saíu da Broadway para dar lugar a «Pepe le Moko» o filme de Marcel Pagnol «La Femme du Boulanger», interpretado por Raimu e Ginette Leclerc.*

● *TODOS os dez melhores filmes de 1940, do inquérito do Film Daily entre os críticos americanos, foram feitos com filme Kodak.*

● *PERC Westmore, o famoso caracterizador, chefe da respectiva secção dos estúdios Warner Bros, renovou o seu contrato. Há dezanove anos trabalha com os irmãos Warner.*

O PÚBLICO E OS FILMES DE TERROR

Onde se fala dos primeiros filmes de ambiente estranho, do êxito que algumas produções de assuntos de terror têm encontrado junto do público e da mais recente obra cinematográfica, «Ressuscitados», que se estreia na próxima quinta-feira, no Politeama, e em que Boris Karloff, «o rei do terror», tem uma impressionante interpretação.



Num anexo do laboratório assiste-se a um dos mais alucinantes momentos de «Ressuscitados»

Quando em 1895 os irmãos Lumière apresentaram o cinematógrafo, nome complicado que mais tarde se abreviou para cinema, não previram a extraordinária influência que o resultado dos seus trabalhos e investigações viria a ter no público.

Nessa altura o cinema era apenas uma novidade para uma população mínima e uma sensacional atracção para os visitantes das feiras. O público admirador dêste espectáculo, foi pouco a pouco engrossando. As produções cinematográficas dêsses tempos eram uma coisa simples: primeiro os documentários dos assuntos de maior actualirade de então, depois as fantásticas viagens que Méliès sàbiamente sabia executar. Seguiram-se as primeiras tentativas de filmes de entrecho. Eram quási sempre grandes tragédias, e o público saía das salas escuras a chorar copiosamente, com o espírito perturbado pelo drama pungente a que assistira. Mas voltava -se de novo com histórias idênticas.

E hoje, passados muitos anos, o público, em número elevadíssimo, vai aos cinemas assistir à projecção das tragédias intensas que alguns filmes contêm.

Observa-se, portanto, que nem só os filmes de amor côr-de-rosa interessam o público.

Há, por exemplo, uma especialidade do Cinema que o público adora: os filmes de terror.

Desde há muitos anos que os filmes de ambiente estranho e figuras sinistras prendiam a atenção do público. Geralmente eram filmes policiais, cuja acção enveredava quási sempre, por fôrça das circunstâncias, para um campo de mistério. São dessa altura produções como: «O Castelo da Morte Lenta», «O Fantasma da Ópera», «O Homem que Ri», os dois últimos interpretados pelo saudoso Lon Chaney, «As mãos de Orlac» onde Conrad Veidt, tinha uma espantosa interpretação, «O Teatro Maldito» com Laura la Plante, muitos outros filmes emocionantes cuja enumeração se torna desnecessário fazer.

Veio o sonoro e os filmes de assuntos terrificantes prosseguiram.

Aí por 1933 o Condes exibiu um notável filme que esgotou durante algumas semanas a lotação daquele cinema. Referimo-nos à produção «As máscaras de cêra». Tempos depois, outro filme do mesmo género era alvo da atenção do público, «O crime da rua Morgue» onde Bella Lugosi tinha uma das mais sinistras interpretações de tôda a sua carreira, seguindo-se «O médico e o monstro» que pôs a prova a resistência dos nervos dos espectadores.

Todos estes filmes foram a preparação dêste género do espectáculo cinematográfico, que atingiu extraordinário relêvo quando da apresentação de «Frankenstein».

Iniciou-se então a série dos grandes filmes de terror cujo mais recente espécime se estreia na próxima quinta feira no Politeama.

Boris Karloff, o principal animador de tôdas estas produções, conseguiu prender de tal modo a atenção do público português que hoje os apreciadores dêste género de espectáculo, não faltam a nenhum dos seus filmes.

Os nossos leitores não se devem ter esquecido dum eco que se publicou na extinta secção do *Referendum dos retratos* quando alguns leitores enviaram o pedido da publicação de uma foto de Boris Karloff. Tem-se assim uma prova do agrado das suas interpretações junto do público.

«Ressuscitados», o mais recente filme de Boris Karloff, que a Aliança filme distribui, é talhada dentro dos moldes do espectáculo de terror. Conta-nos a história de um cientista que estuda a possibilidade de poder dar vida aos mortos.

Nada falta neste filme para impressionar os espectadores. Há ambientes estranhos, câmaras de gêlo, gritos, desaparições, crimes e muitas outras coisas que se hão de ver e que deixarão os espectadores satisfeitos com as múltiplas sensações fortes por que passaram durante a exibição do filme.

O elenco, onde se encontra em primeiro lugar Boris Karloff, com a sua máscara impressionante, na interpretação do dr. Leon Kravaal, reúne outros artistas de mérito: Joan Sayers, Roger Pryor, Stanley Brown, etc.

A história, cheia de mistérios e surprêsas, deve-se a Karl Brown, que sabe, como poucos, urdir uma intriga dentro da mais estranha atmosfera.

A realização de um filme como êste só podia ser entregue a um técnico conhecedor do gôsto do público por estes espectáculos. Não hesitaram os produtores da Columbia em entregar a Nick Grinde a direcção de «The Man with nine lives» cujo título traduzido à letra para português é nada mais nada menos do que *O homem com nove vidas*, e que se simplificou para «Ressuscitados».

Na próxima quinta-feira, no Politeama, o público terá ocasião de assistir à estreia dêste novo e grande filme de terror apresentado pela Aliança Filme.

EDUARDO ZARCO



No seu laboratório o dr. Leon Kravaal, que Boris Karloff interpreta com sobriedade, examina ao microscópio algo que o interessa



O terror paira nesta cena... o dr. Kravaal é um perigo para todos

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Conclusão da pág. 8)

pontos que «Animatógrafo» estabelece:

200 — cinéfilo distintíssimo.
150 — cinéfilo distinto.
125 — cinéfilo razoável.
100 — cinéfilo sem mais nada.
75 — cinéfilo nas horas vagas.
50 — cinéfilo... mas talvez não.
25 — cinéfilo manhoso.
0 — não é, com certeza, cinéfilo, nem leitor do «ANIMATÓGRAFO».

Devemos dizer que o jôgo não é difícil NEM O LEITOR TEM QUE ENVIAR QUALQUER SOLUÇÃO PARA A NOSSA REDACÇÃO. O leitor procura responder às oito preguntas que fazemos em cada número e atribui a cada resposta tantos pontos quantos a solução lhe pareça merecer. Somados êles, verifica na tabela a categoria a que pertence.

Damos, a seguir, um exemplo de «Preguntas de Algibeira».

Estão aqui oito «tests». A cada um dêles vão apensas várias soluções: uma só, porém, está certa. Pelo tempo que ao leitor fôr necessário para a encontrar, pode julgar das suas qualidades de memória e de observação e da extensão dos seus conhecimentos:

1 — Sabe dizer qual é o verdadeiro nome de Claudette Colbert? É:

— Claudette Colbert?
— Claude Anasthasie de Condorcet?
— Marie Elisabeth Chauchoin?
— Lily Chauchoin?
— Lily Martin de St. Claud?

2 — A frase «How could you be so noble?» (Como pôde ser tão nobre?) pertencia a que filme?

— «Ninotchka»?
— «Rebecca»?
— «Sombras brancas»?
— «Aventuras de Tom Samwyer»?
— «Monte dos Vendavais»?
— «60 anos de glória»?

3 — «Adeus, mister Chips» é um filme notável, onde paira ainda o espírito do grande «producer» que foi Irving Thalberg. O protagonista encheu-se de glória, mercê da sua excepcional interpretação. É um actor conhecido, mas qual? Será:

— Robert Young?
— John Wayne?
— Cary Grant?
— Melvyn Douglas?
— Robert Donat?
— Charles Ruggles?

4 — Em que país realizou Max Nossek, o super-visor de «Gado Bravo», o filme «Aventura Oriental»? Nossek é homem viajado e tem trabalhado em muitos países. Teria sido na:

— América do Norte?
— França?
— Portugal?
— Espanha?
— Itália?
— México?

5 — Lembra-se do nome do realizador do filme «Douro, faina fluvial»? Foi:

— Leitão de Barros?
— João de Almeida e Sá?
— António Lopes Ribeiro?
— Manuel de Oliveira?
— Jorge Brum do Canto?

6 — Qual é o nome do cão que trabalha nos filmes de Myrna Loy e de William Powell? É:

— Nero?
— Tótó?
— Médor?
— Asta?
— Rin Tin Tin?
— Big Boy?

7 — Deana Durbin casou, como se sabe. Como se chama o noivo?

— John B. Ralph?
— William Beth Williams?
— Barton Heney?
— Vaughn Paul?
— Lloyd Tuner?

8 — Charles Boyer é casado com:

— Lily Damita?
— Ann Rutherford?
— Maureen O'Hara?
— Pat Paterson?
— Irene Dunne?

Simples, não lhes parece? O essencial é puxar pelo caco e não ter precipitações. Depois ver os resultados no final do número.

Êste jogo, moderno, é muito do agrado das vedetas de Hollywood.

Oxalá o seja também dos nossos leitores.

E até para a semana.



O celébre actor Tony of Souza, cujas interpretações no cinema lhe têm valido as mais elogiosas referências, vai trocar a arte de representar pela arte de caracterizador. Aquele artista já fez algumas caracterizações para o filme «The Wolves of the Mountains», e ficaram tão boas que até os lobos fugiram dos intérpretes.

——Consta que o cineasta Ferdinand Biscuit, que há pouco mais de um ano foi para o Brasil, resolveu abandonar o cinema por lhe terem oferecido o lugar de «maquilleur-technique» num estabelecimento de perfumarias.

——Vai regressar o realizador Sheeank of Grace que há tempos também havia ido para o Brasil estudar as possibilidades de não fazer cinema. Logo que aquele realizador chegue pode acrescentar-se à lista dos doze filmes, mais um, pois, pelo menos, a ideia já êle traz.

HOMEM SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Excelente director:

O que lá vai lá vai e como eu não sou de reservas esqueço todo o mal que o sr. me fez e venho oferecer-lhe a minha colaboração, pois sei que ela é absolutamente necessária ao desenvolvimento do cinema português. É verdade que me aproveitou a ideia do argumento para fazer a fita, mas como para que o cinema português vingue, alguém tem que se sacrificar, que seja eu, que já tenho sido mártir mais duma vez e portanto já estou habituado.

Como sabe eu sou utilíssimo e, portanto, arrange-me lá um empregozito na sua fita. Olhe que eu sou um técnico competentíssimo e além disso sou português como posso provar com certidões de baptismo. Tenho portanto direito a um lugar na fita, pois não são precisos estrangeiros para nada. O que vinham cá fazer? Ensinar-nos a realizar? Mas nesse caso sai uma fita boa e não julgam que é portuguesa. Explicar como se grava o som? Ora, assim o som sai perfeito e não parece nosso. Mostrar como se faz boa fotografia? Ficava depois um filme sem sabor português. A gente não pecisa dos estrangeiros para nada. A fita não ficará lá grande coisa mas, também, vê-se logo que é nossa.

Sr. Director, como eu ia dizendo, arranje-me um lugarzinho de técnico que não se arrependerá, pois aqui para nós, que ninguém nos ouve, eu tenho a ideia para outro argumento, que pode muito bem servir para a fita que vai fazer a seguir.

Tenho andado doido de contente, como deve calcular. Finalmente o cinema português é uma realidade. Estão a fazer-se doze fitas ao mesmo tempo e tôdas com mais de dez metros de comprimento. Assim até dá gôsto. E não se conta com as fitas infantis de que o sr. João Mendes dá notícia. Palavra de honra que ao ler aquilo estava comovido. O sr., eu e mais alguns andamos há doze anos a lutar pela causa, temos sofrido arrelias, horas amargas, desilusões, tudo, mas também agora podemos estar orgulhosos porque isto é compensador. Doze filmes, dos quais só nove é que são documentários. Isto é muito importante.

Já podemos gozar um merecido repouso e por mim é o que vou fazer.

Ignácio da Purificação

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A ALEMANHA EM GUERRA» (Lisboa Filme)
— **A qualidade da fotografia, dos enquadramentos e da montagem.**

«A MELHOR VITÓRIA (Sif)
— **O tema que apesar de não ser novo, revela o interêsse que os americanos põem num dos aspectos sociais da mais alta importância.**
— **O desempenho excepcional de Humphrey Boggart.**

«CHAMAM O DR. KILDARE» (M. G. M.)
— **A interpretação de LIONEL BARRYMORE.**
— **O interêsse e o carácter educativo da intervenção no argumento da figura do dr. Gillespie.**

«MAIS FORTE DO QUE O AMOR» (Filmes Castelo Lopes)
— **A grandiosidade dos cenários e a delicadeza das decorações de GUIDO FIORINI.**
— **A sobriedade da direcção de CARMINE GALLONE.**
— **A interpretação de ALIDA VALLI.**
— **O valor da fotografia de ANCHISE BRIZZI.**

«O DIABO E A MENINA» (Rádio-Filmes)
— **A originalidade e o alcance do argumento de NORMAN KRASNA.**
— **A interpretação de JEAN ARTHUR, de CHARLES COBURN e de ROBERT CUMMINGS.**
— **A meticulosa encenação de SAM WOOD (embora em desacôrdo com a história), principalmente nas cenas de Coney Island, na praia e na esquadra.**
— **A adaptação musical de ROY WEBB.**

«ORGULHO E PRECONCEITO» (M. G. M.)
— **As interpretações de GREER GARSON, LAURENCE OLIVIER, MARY BOLAND, EDNA MAY OLIVER e ANN RUTHERFORD.**
— **A direcção de ROBERT Z. LEONARD.**
— **O cuidado da produção de HUNT STROMBERG com a colaboração de KARL FREUND (fotografia).**

«O VENENO DOS TRÓPICOS» (Lisboa Filme)
— **A forte personalidade de ZARAH LEANDER (Astrée)**
— **As canções e música do filme, em especial «La Habanera».**

«O Diabo e a Menina»

(The Devil and Miss Jones)

Temos acusado por várias vezes o cinema da América do Norte de abandonar uma das suas especialidades mais gratas ao nosso gôsto e ao das plateias: o cinema cómico, os filmes alegres, destrambelhados, recheados de «gags», de imprevistos que põem o público num estado de boa disposição que, nos tempos que vão correndo, só o cinema pode provocar.

Não é o caso de «O Diabo e a Menina», filme cujas qualidades optimistas são indiscutíveis, e que possui um excelente argumento de Norman Krasna. Argumento digno de Robert Riskin, e — sem sombra de pasticho! — muito à sua maneira ou, melhor, ao seu gôsto. No entanto, Krasna tem sôbre Riskin a vantagem de ser menos «complicado» donde resulta menos «pretencioso». A história de «O Diabo e a Menina» é uma parábola deliciosa, em que «o Homem mais rico do Mundo» e uma empregadita de Grandes Armazéns simbolizam nitidamente o capital e o Trabalho.

Pode surpreender os mal informados que o filme tenha merecido a aprovação das autoridades. Mas o filme defende exactamente — e com que espirituoso brilho! — os princípios de acôrdo, entendimento, mútua compreensão entre patrões e empregados que regem, pelo Estatuto Nacional do Trabalho, o Estado Corporativo em que vivemos. É contra a intransigência anacrónica e ilegal de certos patrões que o filme se insurge — e isso só podia merecer a aprovação de autoridades conscientes, integradas nos verdadeiros princípios sociais de Salazar.

O produtor Frank Ross escolheu Sam Wood, o encenador de «Adeus, Mister Chips!» e de «Kitty Foyle» para dirigir «O Diabo e a Menina». E distribuiu o principal papel feminino a Jean Arthur, sua mulher. Escolha acertada esta, que não há que atribuir a laços de família, mas sim à consciência de que Jean é hoje, sem dúvida, uma das maiores actrizes do cinema. Num papel do tipo da secretária de «Peço a Palavra!», mas muito mais brilhante, Jean Arthur dá o seu máximo, com tal segurança, tal graciosidade, tal *saúde*, que mais se nos arreigou no espírito o nosso antigo facataz cinéfilo por ela.

Quanto ao realizador Sam Wood, embora encharcasse de óptimo estilo o desenrolar visual da história, talvez devesse ter pôsto de parte a sua maneira meticulosa e lenta de tratar os filmes, que acerta à maravilha em «Chips» e em «Kitty Foyle», mas dá por v zes a êste filme um ritmo pausado incompatível com o argumento de Krasna.

Não que o filme seja lento. Mas a própria montagem poderia ter dado mais vigor e rapidez a certas mudanças de plano e, por conseqüência, a certas cenas. É claro que o montador não poderia alienar o ritmo da representação, e êsse é *woodescamente* pausado e minucioso. Não há dúvida que Frank Capra ainda é o realizador mais indicado para êste género de filmes de avêsso social.

Dos restantes intérpretes, todos óptimos, destaquemos Charles Coburn, soberbo nos dois aspectos do seu «G. P. Merrick, o Homem mais rico do Mundo», e Robert Cummings, galã alegre, que já nos agradara muito em «Traquina Querida». — A. L. R.

«Chamam o Dr. Kildare»

(Calling Dr. Kildare)

A fórmula encontrada para a série do Dr. Kildare, a que êste filme pertence, é talvez a mais apreciável de tôdas as que se inventaram até aqui para as várias séries que Hollywood de há uns anos a esta parte desatou a editar. E digo a mais apreciável por ser a menos fácil e por proporcionar largos e pertinentes ensinamentos de senso-comum e arte de viver o mestrado exercido pelo velho clínico, perito no diagnóstico, sôbre o jovem médico que ensaia os primeiros passos da sua carreira. A figura do Dr. Gillespie — mestre da ciência e da vida, amarrado à sua cadeira de rodas, parecendo ferver sempre em pouca água mas compreensivo, bondoso e humano como raros o são — foi especialmente bem traçada e concebida. O talento e a experiência de Lionel Barrymore, o actor que a interpreta, contribuem em larga escala para o relêvo e poder da personagem. Barrymore sabe ser admirável, representando apenas com a sua máscara e as suas espantosas mãos. E é de notar que o faz agora com muito maior economia de efeitos — daqueles seus peculiares efeitos que Mickey Rooney tão bem caricaturava em «De Braço Dado». Há ainda que prestar homenagem a Lionel Barrymore pela extraordinária demonstração de brio profissional e coragem moral que está a dar, continuando a representar numa cadeira de entrevado, como entrevado que é. Desde «Não o levarás contigo!», em que pouco andava, todos os seus papéis têm êsse traço comum: «Direito à vida», série «Kildare», «Horas roubadas» (ainda por estrear).

O argumento de «Chamam o Dr. Kildare» tem bastante interêsse, pois as suas peripécias estão bem encadeadas e muitas cenas foram «escritas» com boa inspiração. Além disso é valorizado pela realização, muito correcta, de Harold S. Bucquet.

A distribuïção reúne numeroso núcleo de bons actores, desde Lionel Barrymore ao pequeno Bobs Watson, que faz uma rábula com a habitual e surpreendente proficiência. Citam-se: Lew Ayres (Dr. Kildare), Emma Dunn (a mãe), Samuel S. Hinds (o pai), Nat Pendleton (o enfermeiro brutamontes), Alma Kruger (a chefe das enfermeiras), Lynn Carver (Alice Raymond), Walter Kingsford (o director do hospital) — e finalmente as lindas Laraine Day (Mary Lamont) e Lana Turner (Rosalie), que vemos aqui em dois papéis de aprendizagem, de que se saíram muito bem. Já vimos qualquer delas, aliás, em provas de maior responsabilidade, demonstrando mais uma vez os méritos do sistema seguido por Hollywood para «fazer» actrizes ou actores.

Dois bons jornais de actualidades e uma curiosa reportagem sôbre a realização de «A Passagem do Noroeste», completam êste agradável programa. — D. M.

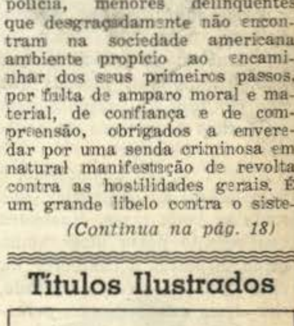
«A melhor vitória»

(Crime School)

«A melhor vitória» nada mais é do que um novo apêlo em favor dos que caem nas mãos da polícia, menores delinqüentes que desgraçadamente não encontram na sociedade americana ambiente propício ao encaminhar dos seus primeiros passos, por falta de amparo moral e material, de confiança e de compreensão, obrigados a enveredar por uma senda criminosa em natural manifestação de revolta contra as hostilidades gerais. É um grande libelo contra o siste-

(Continua na pág. 18)

Títulos Ilustrados



O «Gato e o Canário»

CINEMA DE AMADORES

Justificação de uma atitude

O nosso último artigo publicado nesta secção, causou certa surprêsa entre alguns amadores de Cinema.

Recebemos cartas de vários pontos do País, em que se estranhava aquela nossa atitude.

Embora pareça um paradoxo, podemos dizer que ficámos satisfeitos com esta reacção. Tivemos assim mais uma prova de que os amadores estão ao nosso lado, e isto, como se deve compreender, satisfaz-nos bastante.

Lamentavam que nós tivessemos dado a compreender que não confiavamos neles — que eram nossos amigos, podendo contar com êles, na medida do possível, para tudo o que seja desenvolver a cinematografia de amadores em Portugal.

Mais uma vez agradecemos esta prova de confiança em nós e o interêsse pela causa comum.

Alguns, mais curiosos, e com certa razão, preguntam-nos que intenção nos moveu a tomar aquela atitude.

Vamos satisfazer essa curiosidade e esclarecer mais alguns pontos confusos que andam pelo ar.

— Embora se suponha que não, há algumas pessoas que não confiam no presente nem no futuro do cinema de amadores em Portugal.

Entendem, por comodismo, e pelo hábito de contrariar, que nada se pode fazer. Mas para que se não possa dizer nada, estão dispostas a colaborar na obra que se está realizando. Ora êsses senhores são, geralmente, o cancro de tôdas as iniciativas que se tomem sôbre qualquer aspecto. Os que não acreditam no que se pode vir a fazer deviam ser completamente banidos para que com a sua descrença não venham perturbar os trabalhos de todos os outros. O que é preciso é que venham todos aqueles que vêm, ser possível realizar, a obra imensa que agora se iniciou.

Nós, que somos dos que têm mais vontade de trabalhar e interêsse em que, dentro em pouco, o cinema de amadores no nosso País, seja uma organização séria, estamos aqui, prontos para indicar onde há perigo, para que se combata e e se prossiga nesta tarefa organizadora.

Não temos, outro interêsse que não seja o de ver tudo bem organizado e se estamos desde a primeira hora a batalhar é mais por «carolice» que por qualquer outra coisa.

Quando acarinhamos ou castigamos não é porque se tenha algum interêsse particular nisso, mas porque gostamos de ver as coisas bem feitas e detestamos o que é mal feito principalmente se é com más intenções.

Nada devemos aos amadores de cinema, nada nos devem também. Temos por eles uma grande simpatia e fazemos o que a nossa consciência nos indica e que depois de ponderarmos verificámos ser justamente os desejos de todos eles. Não se imagine que desejamos alcançar uma posição dentro da cinematografia de amadores. Temos a nossa vida organizada, de modo que tudo isto não passa de uma distracção e de uma preocupação...

... e quem pensar o contrário anda enganado a nosso respeito. Foi também para advertir quem possa pensar assim que escrevemos o último artigo.

Alguns amadores, habituados a lerem os nossos escritos ficaram alarmados e imaginaram que nos dirigiamos a êles, que têm oferecido em cartas e pessoalmente, a sua colaboração na tarefa que iniciámos.

Afirmamos que só nos interessa zelar pelos interêsses do Cinema de Amadores.

Portanto, amigos amadores, não se atrapalhem com estas coisas. Agradeço as vossas cartas de confiança e contem sempre com quem está disposto a ajudar-vos.

Pode-se realizar tudo o que se deseja: a questão é querer.

JOÃO MENDES

¿Será possível organizar um Congresso Nacional de Cinema de Amadores?

Até à eclosão desta guerra, realizava-se anualmente desde 1932, senão estamos em êrro, o Congresso Internacional de Cinema de Amadores, organizado pela União Internacional de Cinema de Amadores (U. N. I. C. A.), que teve lugar em vários países da Europa, efectuando-se nessa mesma altura o Concurso Internacional de filmes de amadores.

Portugal fez-se representar em quási todos os Congressos pela delegação da Secção de Cinema de C. P. F. dr. António de Meneses. Como se sabe, dessas reüniões internacionais de amadores resulta quási sempre um melhor plano de trabalho de cada país, para o ano seguinte.

Desta maneira foi-se simplificando o trabalho, dos cineastas amadores, e o Clube, que representava oficialmente o seu país nessa federação de amadores internacionais, tinha tôdas as indicações para a orientação dos trabalhos dos amadores no seu país.

Mas com a declaração da guerra, complicou-se tudo e não foi possível organizar durante os dois últimos anos o Congresso, com os representantes de todos os países. Resulta disto que deixou de haver um contacto que era sempre proveitoso para todos os amadores.

Pregunta-se: — Não seria possível organizar no nosso país, onde há nesta altura um grande movimento de amadores, tendente a uma orientação consciencioso de tôda a actividade, um congresso nacional?

Esta interrogação temo-la feito a nós próprios e aos que nos rodeiam. Pessoalmente, achamo-la realizável, mas encontramos inúmeras dificuldades a vencer, para o que seria necessário uma grande fôrça de vontade e a cooperação de todos os amadores portugueses. Algumas das pessoas a quem temos exposto êste assunto possuem opinião idêntica e outros há, que o consideram irrealizável por enquanto. Concordamos que a ocasião não é propícia, mas talvez com um pouco de vontade e com o patrocínio de organismos oficiais fôsse possível a sua organização.

Em Dezembro realiza-se o grande Concurso Nacional organizado pelo Clube Português de Cinema de Amadores e talvez nessa ocasião não deixasse de ser interessante a efectivação do I Congresso Nacional de Cinema de Amadores.

Sabemos que tal organização requere muitos sacrifícios e algum dinheiro, mas não se deve exigir dos amadores mais do que êles têm dado. Era portanto necessário que um organismo oficial se interessasse por esta iniciativa que faz parte da propaganda do nosso país.

Reünir, em Lisboa, amadores de todo o Portugal, resolverem-se inúmeras questões que se encontram pendentes, estudar-se o problema de intercâmbio internacional, procurar solucionar-se a questão do cinema educativo e tantas outras.

Evidentemente que a organização do Congresso deve ser do Clube Português de Cinema de Amadores, visto ser o representante oficial da U. N. I. C. A. e portanto a entidade que tem o dever de tratar de tudo o que se refere à cinematografia de amadores em Portugal.

Tomámos a iniciativa de apresentar esta «ideia» e nela trabalhamos a ver se será possível realizá-la. Veremos o que se apresenta e o que se poderá fazer.

Não prometemos a sua organização, ela não é nossa, mas esperamos que os amadores compreendam o alcance que para todos advem de semelhante iniciativa.

J. M.

ACTIVIDADE

★ Um conhecido amador de cinema está a preparar um filme que aborda um assunto inédito e de grande interêsse educativo.

Por enquanto está decompondo tôda a acção por cenas e dentro de alguns dias deve iniciar a filmagem. O filme será dirigido, fotografado e montado por êsse mesmo amador. No próximo número daremos notícia mais pormenorizada sôbre êste filme.

★ Victor Rodrigues, o amador de cinema que realizou o filme «Ela julgou-o assim» está trabalhando numa próxima produção para concorrer ao Grande Concurso Nacional, a realizar em Dezembro.

★ Está definitivamente constituída a sociedade de amadores de Lisboa, S. A. F. A.

Não se deve esquecer que Jorge Rocha grande entusiasta do cinema de amadores foi o primeiro animador desta organização.

AMADORES:

O Clube Português de Cinema de Amadores organiza, ainda êste mês, na sua sede uma sessão de filmes de amadores dos três formatos existentes. Não deixem pois de se inscreverem como sócios do C. P. C. A. que é a única agremiação oficial de amadores no nosso país.

"O Correio de Bel Tenebroso"

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

785 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — A Claire Trevor é uma excelente artista. O seu papel em *Cavalgada Heróica* era excelente. Mas a verdade é que não tem sido muito favorecida por Hollyood. — A Betty Grable tem aparecido em vários filmes. Mas foi a *Sinfonia dos Trópicos* que melhor a revelou sob o seu duplo aspecto de mulher e de artista. — — E até à próxima. Conde amigo

786 — TRIPEIRITA ATRAPALHADA *(Pôrto)*. — Sê bem aparecida. Fizeste muito bem em escrever-me. — Para seres sócia do «Clube do Animatógrafo» (mobilização dos cinéfilos da velha guarda») terás que dizer que já vais ao Cinema à mais de dez anos. De contrário, não poderás ser considerada como pertencente aos cinéfilos de antanho... — Tôdas as leitoras que me escrevem ficam sendo implicitamente minhas correspondentes...

787 — ARMINDO BLANCO *(Lisboa)*. — Kay Francis é uma artista de grandes recursos. Pena é, de facto, que Hollywood nem sempre lhe dê papéis proporcionais ao seu talento. As firmas portuguesas, a que aludes, não eram *representantes* das casas americanas que citas. Limitavam-se a ter um acôrdo (ou melhor: uma opção) para a compra do respectivo material. No dia em que apareceram outras mais audaciosas, deixaram de se interessar pelo material que hàbilmente apresentaram em Lisboa. Deve dizer-se, em abono da verdade, que a situação interna de certas casas originou a mutação, que tanta estranheza te causou.

788 — CHARLES BOTAS EM AVEIRO *(Verdemilho)*. — O teu «amigo» Ray Milland casou-se em 2 de Outubro de 1931 com Muriel Webber, de quem tem um filho com nove anos. — Maria da Graça e Elisa Carreira mandam fotos. Podes solicitá-las por intermédio da nossa revista.

789 — UM APAIXONADO POR NORMA SHEARER. — *(Lisboa)*. — Se quiseres escrever à tua apaixonada poderás fazê-lo muito fàcilmente, desde que endereces a carta para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Poderás escrever-lhe, como te digo. Mas não me parece fácil que ela te responda... Eu não quero tirar-te as ilusões, mas olha que as paixões pelas estrêlas são tão platónicas como aquelas que a Gioconda tem inspirado. No teu lugar, eu preferia declarar-me *in mente* à vedeta de *Romeu e Julieta*, perante uma foto dela, do que confessar-lhe o meu amor, epistolarmente. Sempre poupava 1$75...

790. — ETERNO GAROTO *(Chamusca)*. — Hello! Boy! — *Intermezzo* é um filme lindíssimo, uma história de amor ritmada pela Saudade. — *Eterno Garoto* oferece um romance de Magali ao leitor ou leitora que o presenteiem com uma foto autografada de Danièlle Darrieux. Pela minha parte, era capaz de te dar a foto, só para que levasses de minha casa um romance desses, se o tivesse...

791—FAN DE ALICE FAYE *(Lisboa)*. — Sôbre o assunto de «Palavras Cruzadas» deverás dirigir-te directamente ao nosso Director. — Nos últimos números da nossa revista, encontrarás tôdas as indicações sôbre o novo filme de António Lopes Ribeiro. — Não tenho notícias da morte de Herbert Mundin. Mas vou informar-me.

792 — SIR FANTASMA *(Évora)*. — O principal intérprete de *Como se vence em Hollywood* é James Cagney. Protagonistas de *Romeu e Julieta*: Norma Shearer e Leslie Howard. — Podes escrever em português a todos os artistas americanos.

793 — RAINHA DOS DIAMANTES *(Lisboa)*. — Escreve a Oliveira Martins, aos bons cuidados da Redacção de «Animatógrafo» que fará chegar a carta às mãos dêle.

794 — AMANDO MORENAS E ADORADO POR LOIRAS *(Évora)*. — Ainda bem que as ruivas não abundam em Portugal. De contrário o teu pseudónimo seria ainda maior. — Podes escrever em português a Judy Garland. Morada: Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia. — Escreve a Maria da Graça ao cuidado do «Animatógrafo».

795 — PRINCESA DA SELVA *(Lisboa)*. — Insisto contigo, Princesa amiga. Na Casa Bertrand vendem as separatas de *Cine-Jornal*, independentemente dos números da revista. — A Katherine Hepburn e a Sonja Henie não morreram, mesmo em sentido figurado... A primeira obteve um triunfo extraordinário com o seu desempenho em *Philadelphia Story* (Casamento Escandaloso). A segunda tem andado um bocado arredia do cinema. Montou uns «shows», no género revista do gêlo, e fez uma *tournée* pela América, *tournée* que lhe custou arrelias que os tribunais tiveram que julgar. — Registo a tua declaração: «A Norma Shearer é a antipatia personificada. A frase será admissível se acrescentares: «A Norma Shearer, *na minha opinião*, é a antipatia personificada». No entanto calo-me porque acho quási sempre respeitáveis as opiniões alheias.

796 — UM FAN DE HEDDY LAMARR *(Lisboa)*. — Heddy Lamarr, para o ano, aparecerá, pelo menos, nos seguintes filmes: *Boom Town*, com Spencer Tracy, Clark Gable e Claudette Colbert; *Come live with me*, com James Stewart: *Comrade X*, com Clark Gable e *Ziegfeld Girl*, com a Judy Garland, e James Stewart, etc. — De Mickey Rooney e Judy Garland, para o ano também, veremos *Strike up the Band* e *Andy Hardy meets a debutante*.

797 — CONDE DE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *Lisboa)*. — A Viviane Romance é de facto uma lindíssima actriz. Mas Edwige Feuillère passa por ser a mulher mais bela da Franca e o seu corpo rivaliza com o da própria Vénus de Milo. — Transmito as tuas saudações a *Primavera, Princesa Yolanda, Flor dos Alpes, Boneca Volúvel* e *Rainha Farida*. — Às outras perguntas não respondo, porque perderam a oportunidade.

798 — BIJAGÓS & SOLIDÓ. — Estão apresentados. Fiquei ciente da vossa identidade. — Escreve à Barbara Read e Kay Francis para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — Jane Withers e Rochelle Hudson: 20th Century Fox Studio, Box 900, Beverly Hills, Califórnia.

799 — FLOR DOS ALPES. — Espero que já tenhas recebido a carta que te mandei com a fôlha do álbum de autógrafos. — Título original de *O Circo Barley*, *Les Gens du Voyage* — «Good Morning» a canção que Mickey Rooney e Judy Garland cantavam em *De Braço Dado* é deliciosa. Fica, na presente temporada, como uma das melhores melodias que o cinema nos legou. — Calculo a paciência de que terás revestido para aguardar com «boa cara» as minhas respostas. Mas a culpa da demora, não é minha, acredita.

800 — MAFARRIQUINHO LOIRO. — Que pseudónimo tão «diabólico»... — Com todo o prazer te atenderei. Escreve sempre que te apetecer e arranja uma boa carapaça de paciência, tão resistente com a da tartaruga. Terás que a pôr à prova, bastas vezes. — A Shirley «continua»... Está a filmar na Metro e interpretará a seguir quatro filmes para o produtor Edward Small, que, a despeito do apelido, é um cineasta com vistas largas... — Quando o Fernando Pessa e o Olavo de Eça Leal forem artistas de cinema, poderás estar certo de que as vera-efígies dêles ilustrarão as páginas de *Animatógrafo*. E se *eça* hipótese se verificar, eu talvez *pessa* ao Director para as dar em separata. — Aguardo vivamente interessado o meu retrato, «tal como tu me imaginas»... Eu, que tenho horror aos retratos...

801 — BEL TENEBROSO II *(Lisboa)*. — Transcrevo uma passagem da tua carta, por que tem interêsse para todos os leitores, que costumam solicitar fotos de artistas: «Escrevi há meses à Dorothy Lamour, Loretta Young, Deanna Durbin e Maureen O'Hara: A Dorothy Lamour mandou-me uma magnífica fotografia, com uma dedicatória... estupenda! A Loretta Young, também me mandou uma fotografia, mas na dedicatória só dizia: «Sincerely, Loretta Young. A Deanna Durbin teve o descaramento de mandar-me um postal a pedir... dinheiro!!! Ainda acha que ganha pouco! E a Maureen O'Hara, aquela menina que fez *A Pousada de Jamaica* e *Nossa Senhora de Paris*, já se tem na categoria da Deanna para também pedir dinheiro! Pensam naturalmente que andamos a ganhar para elas!» A Deanna, de facto, deve receber milhões de pedidos de fotos. A Maureen O'Hara tem mais categoria do que tu supões. Mas isto de enviar retratos contra dinheiro é, em regra, conseqüência de cláusulas de contratos entre as estrêlas e as firmas produtoras, e elas, em geral, são completamente alheias ao caso...

802 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)*. — Tenho muitos leitores que me escrevem de Aveiro. No entanto não posso revelar-te os seus nomes. Se folheares o *Animatógrafo* verás que a seguir a certos pseudónimos aparece mencionada a cidade, pátria de ovos-moles e das enguias de escabeche, aliás uma das mais lindas de Portugal. — O espaço vital da correspondência tem sofrido tratos de polé. Ora se espraia por duas páginas mais ou menos inteiras, ora se reduz às colunas duma página incompleta... Uma espécie de mapa da Europa. — Qual era a artista americana que eu gostava mais de beijar? A pregunta é «shocking», mas sempre te direi que escolheria para essas expansões de afecto a Mae Robson. E sabes porquê? Porque se ela ficasse indiferente ou não me correspondesse o meu prestígio de galã não se sentiria muito afectado... — Transmito as tuas saudações a *Princesa da Selva, Paixão Selvagem* e *Rainha Farida*.

803 — SETE DE ESPADAS *(Viana do Castelo)*. — O teu pseudónimo tem tanto de marvótico como de jôgo de azar... — Fizeste muito bem em escrever-me. Com o maior prazer te responderei. — O *Amor de Perdição*, na sua versão sonora, nunca passou dum projecto, muito embora o argumento esteja trabalhado por Leitão de Barros. — Êste leitor gostaria de corresponder-se com leitoras das nossas colunas, e bem assim com *Maria Isabel* e *Donalda*.

804 — FERNANDO DELGADO SANTOS *(Pôrto)*. — Para te inscreveres no Club do *Animatógrafo* deverás, dirigir-te, directamente, num simples postal, ao Director de *Animatógrafo*. Deverás ainda declarar o nome, morada, idade e profissão e fazer a declaração de que vais ao cinema há mais de dez naos.

805 — CINDERELLA *(Pôrto)*. Protesto contra a tua afirmação de que *A Cidade Turbulenta* «é

O Correio de Bel-Tenebroso

um filme muito ordinário». Não digas isso, pois ficará como um dos bons filmes da presente temporada. Posso compreender que não gostas dêle. Mas não deves deixar de reconhecer a sua classe cinematográfica excepcional! — Espero interessado o teu retrato. Depois te direi se de facto reúnes ou não condições para poderes tentar o cinema com êxito. As indicações que me dás são francamente animadoras. «Não sou bonita, mas não tenho pena». Nunca vi frase mais mentirosa...

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

Sobretudo na primeira afirmação... — A frivolidade só é um defeito quando é filha da estupidez. Não receies nada por êsse lado.

806 — VIDAS TENEBROSAS *(Lisboa)*. — Que pseudónimo tão tétrico! — Grace Moore nasceu em 5 de Dezembro de 1903. É casada com o actor Valentim Parrera e não consta que se haja ainda divorciado. — Paul Muni chama-se, na realidade, Muni Weisenfreund. É austríaco de nascimento. No dia 22 de Setembro, completa 44 anos.

807 — UM ADMIRADOR DE PAT PATTERSON *(Setúbal)*. — A tua vedeta favorita é casada com Charles Boyer e ùltimamente tem aparecido poucas vezes na tela. É inglesa e nasceu em Bradford, Yorkshire, a 7 de Abril de 1911. — Para te increveres no *Clube do Animatógrafo* deverás dirigir-te directamente ao Director da nossa revista.

808 — ROSA DE VERÃO *(Cascais)*. — Martha Eggerth esteve no Rio de Janeiro, onde cantou com geral aplauso. Ela e seu marido, o tenor Jean Kiepura, foram depois para Hollywood, e ali se encontram. Segundo se diz, está para breve o seu regresso aos estúdios. Mas ignoram-se pormenores. — *Gone with the wind*, provàvelmente, já não será estreado, na próxima temporada. A Metro Goldwyn Mayer, por ora, não tem quaisquer indicações sôbre a data da sua estreia.

809 — JOANINHA DOS OLHOS VERDES *(Santarém)*. — Edna May Oliver é aquela senhora idosa, sêca como um arenque fumado, que faz em regra os papéis de tia-solteirona, azeda por fora e doce por dentro. Vimo-la em *Quatro Irmãs*, *Basta de Mulheres*, *Romeu e Julieta*, *O Bailado da Saüdade*, etc. — Há três Renoirs: Pierre, Claude e Jean. O primeiro é actor. Vimo-lo no *Affaire Laffarge*, *La Bandera* e *O mistério das Onze Desaparecidas*; Claude é *cameraman*; Jean, realizador. — Charles Farrel está retirado do cinema. Em boa verdade não sei as razões que ditaram a sua morte cinematográfica.

810 — MÁRIO GOMES *(Pôrto)*. — Lôbos da Serra deve ser estreado no princípio da próxima temporada. — Não sei as razões porque não recebeste a foto que pediste a Maria Domingas. Tenta outra vez.

811 — JOSÉ MANUEL C. NUNES *(Lisboa)*. — Recebi a tua carta que me pareceu muito bem. Vejo que fazes progressos na escola... Mas deixa-me dizer-te que fiquei um pouco desiludido. Sei que és um rapaz todo conquistador e esperava que me preguntasses o enderêço de beldades célebres. Afinal, limitas-te a querer saber a morada do Taylor. Ela aí vai: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. O sêlo custa 1$75. Queres um conselho? Compra antes fogo de artifício...

Bel-Tenebroso

Preguntas de algibeira

(Soluções)

1 — Lily Chauchoin.
2 — «Aventuras de Tom Samwyer».
3 — Robert Donat.
4 — Espanha.
5 — Manuel de Oliveira.
6 — Asta.
7 — Vaughn Paul.
8 — Pat Patterson.

FEIRA DAS FITAS

(Continuação da pág. 15)

ma de repressão aplicado a êsses menores, que reincidem uma, duas, três vezes, e por fim se tornam em «casos desesperados» que acabam numa luta de «gangsters», numa fôrca ou numa cadeira eléctrica.

Bom filme sob aspecto de cinema e de público, de acção intensa descrita vigorosamente, não apresenta como se vê um tema novo. A educação de menores delinqüentes, como o drama dos «paroled», tem sido exploradíssimo em duas ou três dezenas de filmes. Sente-se que nesta película não houve intenção de renová-lo apresentando-o sob novos aspectos, sob diferentes ângulos, mas de insistir numa campanha que vem sendo feita sistemàticamente através do cinema, sob a inspiração de autoridades judiciárias com intuito de fazer baixar o índice da criminalidade nos Estados Unidos.

No desempenho, numa interpretação segura, impõem-se os nomes de Humphrey Boggart e Gale Page, a par de um grupo de jovens actores que enxameiam os bairros sórdidos de Hell's Kitchen e Dead End. — A. F.

"Orgulho e Preconceito"

(«Pride and Prejudice»)

É notável a forma como foi concebida e conduzida, sob um permanente e elevado espírito de sátira, a acção de «Orgulho e Preconceito». Escolhida uma época em que as convenções sociais mantinham fôrça esmagadora, muito embora começassem as classes sociais dos tempos modernos a fundirem-se; escolhido mais, um país — a Inglaterra — em que as tradições se apresentam com excepcional poder para coibir «liberdades», principalmente as que são sentimentais, colocando o casamento num nível mais próximo dos interêsses da família que dos interêsses individuais.

Em «Orgulho e Preconceito», estão frente a frente, duas famílias: uma nobre, cheia das suas tradições; outra burguesa cheia da sua comédia e das suas preocupações de «colocação» de nada menos cinco filhas, num tempo em que não havia dactilógrafas, nem caixas, nem senhoras-engenheiras, enfim, no tempo em que só os homens falavam.

Foram autores do «screen-play» o grande escritor inglês Aldons Huxley e a experimentadíssima e talentosa June Murfin. Devem caber ao primeiro os louros do diálogo felicíssimo, agudo e espirituoso, que, por vezes nas suas réplicas cortantes e lapidares contribui bastante para o desenho das personagens e dos ambientes em que a acção decorre. A June Murfin se deve, com certeza a correnteza e limpidez com que foi contada a história. Aos autores, a direcção segura de Robert Z. Leonard e a invulgar qualidade do conjunto dos intérpretes se deve o trabalho grande que é conduzir um filme todo num quási imperceptível ar de troça, onde cada gesto, cada inflexão e cada situação têm simultâneamente a sua representação fiel e a sua caricatura esboçada.

Claro que para se conseguir um tão completo resultado foi necessário o melhor rendimento de todos os elementos reünidos pelos cuidados do produtor Hunt Stromberg. De todos parece-nos justo destacar Adrian autor dos figurinos, Karl Freund que assina a fotografia, Herbert Stothart autor do acompanhamento musical e Edwin Willis pelas decorações interiores. Notei muito especialmente decorações interiores porque quero frisar que, por vezes, as decorações exteriores não correspondem à excepcional categoria de todo o filme.

Falando dos intérpretes torna-se bastante difícil enumerar uns e esquecer outros dada a categoria que todos revelam no seu trabalho. Greer Garson, tão à vontade no papel como ao que nos lembra nunca a vimos, Laurence Olivier com a sua maneira habitual de representar, Mary Boland e Edna May Oliver pelo desempenho perfeito dos seus papéis de grande responsabilidade e de grandes subtilezas formam um grupo que não se pode deixar de citar e a que Ann Rutherford pela sua frescura e pela primorosa cena do seu regresso a casa com o marido, (uma cabecinha estouvada, feliz por acaso, depois dum perigo a que sempre estivera inconsciente, a quebrar uma atmosfera que pretendia ao mesmo tempo ser de gêlo e de ternura).

Pela época, pelas situações, pelo caso das irmãs tôdas diferentes com a irmã excepcional, ao ver «Orgulho e Preconceito» não pudemos fugir às recordações das «Quatro Irmãs». Julgamos que ao leitor cinéfilo acontecerá a mesma coisa. É obrigação dizer-se que «Orgulho e Preconceito» não se sente envergonhada ao lado das «Quatro Irmãs» embora não reúna tôdas as características que fizeram desta uma obra que marcou data na história do cinema. Greer Garson não saíu também da fita, para o grande público com a altura de Katherine Hepburn. Mas é de justiça acrescentar-se que embora fôsse como a outra o eixo da acção o seu papel não teve o predomínio flagrante que vimos na «Jo» da outra fita, e depois de a ver ao lado do grande Laurence Olivier representar a cena da declaração, com Edna Oliver a recepção em casa de Lady Catherine e tudo mais, afinal, chego a concluir que a maior impressão da boa fita «Orgulho e Preconceito» foi a invulgar e excepcional actriz Greer Garson. — F. G.

"Mais forte do que o amor"

(Oltre L'amore)

O argumento de «Mais forte do que o amor», extraído de uma das melhores novelas de Stendhal, — «Vanina Vanini» — foca o assunto banalizado posteriormente, da menina-família em cujo lar aparece um dia um homem estranho, por quem ela se apaixona. Depois são as dificuldades que surgem para os dois amorosos... mas no final tudo fica em bem. Carmine Gallone, o realizador, soube defender-se com honestidade de processos e consegue fazer interessar o público por uma história que não lhe traz qualquer novidade.

O elenco reüne um conjunto de bons artistas, dentre os quais se deve destacar os dois protagonistas: — Amedeo Nazzari e Alida Valli que sai brilhante da interpretação de *Vanina Vanini*.

Uma coisa desejamos fazer notar: os esplêndidos recursos técnicos do Cinema italiano.

Os grandiosos cenários e as decorações de Guido Fiorini merecem especial atenção. Resta-nos citar os nomes de Anchise Brizzi, o operador do filme, cuja fotografia é das melhores que temos visto em filmes italianos, e de Luigi Ricci que dirigiu a orquestração da música de Verdi que serve de acompanhamento a êste filme. — J. M.

RIBEIRINHO

ACTOR E AUTOR

de **TEATRO** e de **CINEMA**

Desde que apareceu no palco, na companhia de Chaby Pinheiro— de quem foi o último e talvez o único discípulo — o público e os colegas conhecem-no pelo deminuitivo carinhoso de Ribeirinho.

O seu nome real é Francisco Carlos Lopes Ribeiro e é irmão do director de «Animatógrafo» e realizador de filmes, António Lopes Ribeiro. Até hoje, no cinema — e tudo leva a crer que assim continue de futuro — só apareceu em filmes dirigidos por seu irmão mais velho. As personagens que interpretou vivem na memória de todos, pela personalidade inconfundível de que Ribeirinho soube embebê-los: o «Barata», da «Revolução de Maio», terceiro oficial num Ministério, mas boateiro emérito, com o seu bigodinho e o seu péssimo carácter, ridículo à fôrça de insignificância e de malevolência; o «Chico do Austin», do «Feitiço do Império», protótipo do motorista falador e óptimo rapaz, alegre como um pardal, cheio de portuguesíssima sensibilidade, simples e amigo.

No Teatro, já não têm conta os tipos criados por Ribeirinho. E nenhum dêles, desde o «Frederico» dos «Criminosos», de Bruckner, até ao «Pardal» do «Anjo da Guarda», deixou de merecer a atenção e os aplausos dum público fiel.

Director do Teatro do Povo do S. P. N. desde a sua fundação, aí marcou um lugar notabilíssimo como encenador e intérprete, em peças de Maeterlinck, Tchekov, Courteline, Vasco Mendonça Alves, Francisco Lage, Armando Vieira Pinto e outros autores.

Actualmente representa no Variedades uma peça de que é autor, com Armando Vieira Pinto e Alberto Reis — «Lisboa-1900» — em que interpreta a pitoresca figura do «Costa Alfaiate» pai da menina «Mariquinhas» da Rua dos Fanqueiros... É uma evocação deliciosa de tempos que já não voltam, e que tem alcançado êxito merecidíssimo.

Agora, na comédia «O Pai Tirano», que António Lopes Ribeiro vai produzir e encenar, Ribeirinho tem a seu cargo o protagonista — o «Chico», caixeiro e furioso dramático. Ao lado de Vasco Santana que é, no filme, seu colega e seu «ensaiador», vai certamente recortar mais um «boneco» inesquecível.

Francisco Ribeiro também é co-autor dos diálogos do filme, com A. L. R. e Vasco Santana, constando que muito brevemente encenará um filme produzido por seu irmão.







Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



LANA TURNER, a graciosa actriz que vimos em «CURVAS PERIGOSAS» e «CHAMAM O DR. KILDARE», da M.-G.-M.

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: MARGARET SULLAVAN